

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

OTÁVIO HENRIQUE KOCH

**REVISITANDO A METÁFORA: REFLEXÕES SOBRE A
TEORIA COGNITIVA DA METÁFORA E A TEORIA DA
RELEVÂNCIA**

CURITIBA

2016

OTÁVIO HERIQUE KOCH

**REVISITANDO A METÁFORA: REFLEXÕES SOBRE A
TEORIA COGNITIVA DA METÁFORA E A TEORIA DA
RELEVÂNCIA**

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração em Linguagem e Práticas Sociais, Departamento de Estudos Linguísticos, Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Professora Dra. Elena Godoy

CURITIBA

2016

Catálogo na Publicação
Cristiane Rodrigues da Silva – CRB 9/1746
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação – UFPR

Koch, Otávio Henrique

Revisitando a Metáfora: reflexões sobre a Teoria Cognitiva da
Metáfora e a Teoria da Relevância. / Otávio Henrique Koch. –
Curitiba, 2016.
100 f.

Orientadora: Profª Drª Elena Godoy.
Dissertação (Mestrado em Letras) – Setor de Ciências Humanas
da Universidade Federal do Paraná.

1. Linguística Cognitiva – Metáfora. 2. Teoria Contemporânea da
Metáfora. 3. Teoria da Relevância. 4. Teoria Híbrida da Metáfora.
I. Título.

CDD 401



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS

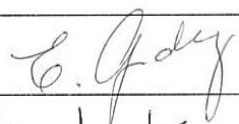


PARECER

Defesa de dissertação do mestrando OTÁVIO HENRIQUE KOCH para obtenção do título de **Mestre em Letras**.

Os abaixo assinados ELENA GODOI, ARISTEU MAZUROSKI JR. e SEBASTIÃO LOURENÇO DOS SANTOS arguíram, nesta data, o candidato, o qual apresentou a dissertação:

“REVISITANDO A METÁFORA: REFLEXÕES SOBRE A TEORIA COGNITIVA DA METÁFORA E A TEORIA DA RELEVÂNCIA”

Procedida a arguição segundo o protocolo que foi aprovado pelo Colegiado do Curso, a Banca é de parecer que o candidato está apto ao título de Mestre em Letras, tendo merecido os conceitos abaixo:

Banca	Assinatura	APROVADO Não APROVADO
ELENA GODOI		Aprovado
ARISTEU MAZUROSKI JR.		APROVADO
SEBASTIÃO LOURENÇO DOS SANTOS		APROVADO

Curitiba, 17 de junho de 2016



Antonio Augusto Nery
Vice-Coordenador

À Luiza, sem ela, nada disso seria possível.

AGRADECIMENTOS

À professora Elena Godoi, que me ajudou com seu grande conhecimento não só em linguística, mas também como nas dificuldades braçais de escrever um trabalho acadêmico. Sua compreensão em relação às dificuldades existentes no processo e seus inúmeros conselhos fizeram esse trabalho existir.

Ao professor Maurício Benfatti, que me apresentou ao mundo da linguística cognitiva e da pragmática. Meu trabalho e minhas conclusões são fruto de discussões e reflexões apresentadas por ele, desde quando eu achava que a pragmática não resolvia os problemas da metáfora.

Ao professor Sebastião Santos, profundo conhecedor de Teoria da Relevância e suas implicações, por estar sempre disposto a debater os assuntos referentes à minha pesquisa.

À professora Lígia Negri, por ser sempre uma debatedora ativa, estando sempre presente nos meus debates durante o curso de pós-graduação, tanto no fórum discente quanto na minha qualificação.

Ao Aristeu Mazuroski Jr, por aceitar meu convite para participar da banca solicitamente, e também pelos vários debates dentro e fora do âmbito acadêmico.

Aos colegas de pós-graduação Cris, André, Rodrigo, Fábio, Satomi e Luzia, por fazerem companhia durante o período de programa, sempre presentes com conversas acadêmicas e também por partilharem as minúcias da vida acadêmica.

Aos meus professores José Borges Neto, Renato Basso, Teca e Mazé, por me guiarem durante as aulas da pós-graduação.

Ao Odair, sempre solícito, bem-humorado e disposto a resolver os problemas burocráticos.

Aos meus pais, por confiarem em mim e por disponibilizarem todo o suporte e confiança necessária durante o período na UFPR.

À Luiza, por estar sempre presente ajudando em absolutamente tudo. Este trabalho e a minha (feliz) vida como é hoje não existiriam sem ela.

À Rita, Werner e Alice, minha segunda família.

“You can know the name of a bird in all the languages of the world, but when you're finished, you'll know absolutely nothing whatever about the bird... So let's look at the bird and see what it's doing -- that's what count

Richard Feynman

RESUMO

Este estudo tem como objetivo dissertar a respeito da metáfora, sob a perspectiva da linguística cognitiva. Para isso foram escolhidas duas correntes teóricas principais: a Teoria Contemporânea da Metáfora (doravante CTM), de Lakoff e Johnson (1985), que traz uma abordagem semântica do assunto, e a Teoria da Relevância (doravante TR) de Sperber e Wilson [2004](1986), representante de um viés pragmático. Em seguida é feita uma comparação com uma tentativa de unificação teórica, proposta por Tendahl e Gibbs (2008). O trabalho aborda dois aspectos principais: quais são os modelos de mente propostos por cada teoria, avaliando sob que perspectiva cada uma delas olha para a metáfora, procurando fazer um alinhamento teórico. O segundo aspecto se dedica a analisar como cada teoria lida com a interpretação metafórica, descrevendo quais são os modelos conceituais propostos para a composição metafórica. Em um segundo plano, é descrita a teoria da mescla conceitual, de Fauconnier e Turner (1998), com o objetivo de descrever qual o seu papel na Teoria Híbrida da Metáfora. Por fim, defendo que nosso sistema cognitivo pode conter um caráter metafórico, como afirmam Lakoff e Johnson (1985), porém que metáforas não necessariamente são comparações de conceitos fechados e pré-definidos. A interpretação da metáfora representa um fenômeno de caráter pragmático-conceitual. Essa parte conceitual da interpretação metafórica é oriunda da formação de conceitos *ad hoc* originados durante o ato comunicativo, através da atuação da relevância. Essa proposta representa um contraponto à Teoria Híbrida da Metáfora de Tendahl e Gibbs (2008), pois desconsidera a existência de um sistema cognitivo projetado especificamente para a interpretação de metáforas, todavia, concorda com a principal afirmação de Tendahl e Gibbs (2008), que diz que a CTM e a TR representam duas perspectivas diferentes que funcionam em paralelo e, nesse sentido, são compatíveis. A metodologia de caráter qualitativo, exploratória proporciona mais familiaridade com o tema de estudo, fazendo com que o objeto se torne mais explícito.

Palavras-chave: Metáfora. Teoria Contemporânea da Metáfora. Teoria da Relevância. Sistema conceitual. Teoria Híbrida da Metáfora.

ABSTRACT

The objective of this study is to discuss metaphor in the perspective of the cognitive linguistics. For that intent two main theories were chosen, the Contemporary Theory of Metaphor, from Lakoff and Johnson (1985), which brings forth a semantic approach to the subject, and the Relevance Theory from Sperber and Wilson (1986) that represents a pragmatic bias. It is followed by a comparison that attempts to unify the theories, as proposed by Tendahl and Gibbs (2008). The paper discusses two main aspects: which are the models of mind proposed by each theory, evaluating the perspective used by each theory to understand metaphor, trying to align the theories, and how each theory handles the metaphoric interpretation, describing which are the conceptual models proposed for the metaphorical composition. In a second moment, the theory of Blending, from Fauconnier and Turner (1998), is described, with the intention of understanding what is its role in the Hybrid Theory of Metaphor. Lastly, I defend that our cognitive system has a metaphorical characteristic, but that metaphors are not necessarily comparisons of closed, pre-defined concepts. The interpretation of the metaphor represents a phenomenon of pragmatic-conceptual characteristic. This conceptual step of the metaphorical interpretation comes from the creation of an *ad hoc* concept originated in the communicative act, through the relevance. This proposition represents a counterpoint to a Hybrid Theory of Tendahl and Gibbs (2008), because it does not take into account the existence of a cognitive system projected specifically for the interpretation of metaphors. However, it agrees with the main point made by Tendahl and Gibbs (2008), which states that CMT and RT represent two different perspectives that work in parallel and, in that way are, broadly, compatible. The methodology is qualitative, and explorative, and it allows greater familiarity with the theme of the paper, making the object clearer.

Key words: Metaphor. Contemporary Theory of Metaphor. Relevance Theory. Conceptual System. Hybrid Theory of Metaphor.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – ESPAÇO DE INPUT.....	56
FIGURA 2 – MAPEAMENTO DE CONEXÕES DE CONTRAPARTIDA.....	57
FIGURA 3 - ESPAÇO GENÉRICO.....	58
FIGURA 4 – MESCLA.....	59
FIGURA 5 - REDE NEURAL	60
FIGURA 6 – SISTEMA MODULAR.....	73
FIGURA 7 – ROBERTO É UM BISCOITO DA SORTE.....	85
FIGURA 8 – MESCLA DE ROBERTO É UM BISCOITO DA SORTE.....	86
FIGURA 9- ROBERTO É UM TOURO.....	91
FIGURA 10 – FALHA NA MESCLA CONCEITUAL.....	92
FIGURA 11 – ANA É UMA GALINHA.....	93

LISTA DE ABREVIATURAS

CTM – Teoria Contemporânea da Metáfora

TR – Teoria da Relevância

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	17
1.1	HIPÓTESES E JUSTIFICATIVA	18
1.2	OBJETIVOS	20
1.3	METODOLOGIA E ORGANIZAÇÃO DOS CAPÍTULOS	21
2	METÁFORA CONCEITUAL	23
2.1	METÁFORAS ORIENTACIONAIS	32
2.2	METÁFORAS ONTOLÓGICAS	37
2.2.1	Personificação	40
2.3	METONÍMIA	42
2.4	COGNIÇÃO INCORPORADA	44
2.5	MESCLA CONCEITUAL	56
2.5.1	Blending e espaços mentais	57
2.5.2	Redes neurais	62
3	PRAGMÁTICA, COGNIÇÃO E RELEVÂNCIA	69
3.1	COGNIÇÃO	75
3.2	COMUNICAÇÃO	77
3.3	PRINCÍPIOS DA RELEVÂNCIA	79
3.4	PASSOS INFERENCIAIS PARA A COMPREENSÃO DE METÁFORAS	84
4	TEORIA HÍBRIDA DA METÁFORA	86
5	CONCLUSÃO	92
	REFERÊNCIAS	100

1 INTRODUÇÃO

O objetivo dessa dissertação é estudar as metáforas sob a luz da linguística moderna. Para isso, foram escolhidas em especial duas teorias diferentes, a saber: a Teoria Contemporânea da Metáfora de Lakoff e Johnson (1985) – CTM, doravante – e a Teoria da Relevância – TR, doravante – de Sperber e Wilson (1995). Considerando isto, a dissertação está construída sobre duas questões principais:

- a) O que faz de uma metáfora uma metáfora?
- b) Como conversam – ou se, de fato, conversam – duas diferentes teorias contemporâneas a respeito do assunto?

Proponho-me a debater ambas questões a partir dos estudos elaborados por Lakoff e Johnson (1985), sobretudo porque o assunto volta a se tornar relevante para a linguística cognitiva a partir dessa produção, embora metáforas tenham sido sempre um assunto em voga no campo literário. É interessante ressaltar que escritos aristotélicos desenvolvidos no período do Liceu – 335 a 323 A.C – já tratavam do assunto. Para os gregos, o uso de metáforas era uma forma de enaltecer o discurso e possuíam caráter literário. Porém, contrariando tal prática, Aristóteles defendia que se deve tomar cuidado com o uso excessivo de tais artifícios, para que a retórica não fique desequilibrada, como expressou na seguinte fala:

A elocução expressiva e que supera o vulgar é a utilização de termos exóticos. Entendo por exótico os termos dialetais, as metáforas, as ampliações e tudo que foge do padrão. Entretanto, se a composição for inteiramente nessa linha, resultará num enigma ou barbarismo, enigma se houver predominância de metáforas, barbarismo se a predominância for de termos dialetais. (ARISTÓTELES, 2001, p. 81)

Esse fragmento de Poética reduz metáforas a um caráter especificamente literário – linha de pensamento que será discutida mais profundamente no início do primeiro capítulo.

O estudo de metáfora ganhou um novo rumo na década de 1980, devido aos estudos da linguística cognitiva que, de maneira geral, considera que as estruturas da linguagem são expressões não só de capacidades cognitivas gerais como também de mecanismos que processam nossas experiências culturais, sociais e individuais. Sendo assim, opõe-se aos paradigmas linguísticos anteriormente dominantes: o estruturalismo e o gerativismo. O primeiro compreende a linguagem como um sistema que possui uma dinâmica própria – o mundo por ela representado e a maneira como o percebemos são considerados fenômenos extralinguísticos. Já no modelo chomskyano, há o interesse pelo conhecimento da língua por si só, considerando-a um componente autônomo da mente, ou seja, independente de outros tipos de conhecimento. Assim, deixa-se de lado o papel do significado semântico e da comunicação no funcionamento linguístico, apostando suas fichas única e exclusivamente nas propriedades sintáticas da linguagem. Contrariando tais perspectivas, a linguística cognitiva se interessa pelas contribuições da linguagem para a significação do mundo.

Por meio da perspectiva da linguística cognitiva encontrei nas metáforas, ademais de meu objetivo inicial, uma porta para subjetividade. Na verdade, a discussão sobre metáforas se encontra no centro de um embate muito mais amplo no âmbito da linguística. Em torno do desmembramento de uma estrutura metafórica, giram perguntas e suposições conectadas com um dos grandes objetivos dos estudos linguísticos: a descrição de um sistema conceitual sobre uma perspectiva linguística, e como e onde se encaixa a linguagem nesse sistema.

1.1 HIPÓTESES E JUSTIFICATIVA

O trabalho de Lakoff e Johnson (1985) realocou o estudo da metáfora para o âmbito da linguística cognitiva. Estudos sobre o assunto existiam em ampla escala em trabalhos com o viés literário, e se dedicavam a entender as metáforas em meio a obras literárias. Lakoff e Johnson (1985) lançaram com *Metaphors we live by* a ideia de um sistema conceitual metafórico, e, a partir dessa perspectiva, desenvolveram uma teoria que explica e interpreta

metáforas do ponto de vista cognitivo. É possível afirmar que a CTM obteve sucesso como teoria científica, pois, a partir dela, inúmeros debates foram gerados sobre metáforas em meio a linguistas cognitivos.

Por um lado, existe a própria CTM, com a evolução da sua teoria, sobretudo com a ideia de metáforas incorporadas e com os trabalhos de Fauconnier e Turner (1998)¹. Os cognitivistas entendem que a fundamentação de nosso sistema conceitual é metafórica, e que a aquisição se dá através de relações corporais no início do nosso processo de aquisição conceitual. Há debates sobre se existem conceitos originais ou se eles são todos metafóricos. Entretanto, os conceitos vão operar cognitivamente de maneira metafórica. Os cognitivistas defendem que essa operação conceitual dá origem às metáforas que usamos no dia a dia. Porém, as implicações da teoria também explicam fenômenos mais complexos, como a transição conceitual entre diversos níveis cognitivos.

A TR aborda a questão de uma maneira diferente. Os relevantistas não entendem a metáfora como fenômeno linguístico singular. Eles explicam a metáfora como um fenômeno pragmático-social, derivado do contexto comunicativo.

Existem alguns pontos de divergência fundamentais entre a TR e a CMT, porém, como apontam Tendahl e Gibbs (2008), apesar de existirem diferenças entre as teorias e elas serem aparentemente incompatíveis, talvez exista um ponto de diálogo entre as duas propostas.

A ideia de uma Teoria Híbrida para a metáfora é sedutora, já que atualmente, por conta de décadas de discussão e produção sobre o assunto, há muito conteúdo valioso de ambos os lados. Inclusive valioso demais, segundo Tendahl e Gibbs (2008), para que um seja descartado frente ao outro em uma argumentação entre quem é mais bem-sucedido.

Existem duas hipóteses para uma teoria convergente:

¹ Embora o debate discutido nessa dissertação seja entre linguistas cognitivos, portanto são todos linguistas cognitivos, existe uma divisão de nomenclatura dentro da literatura. Quando existe a referência a cognitivistas, se trata de estudiosos da corrente da CMT. Por outro lado, seguidores da TR – que também se caracteriza como linguística cognitiva- são tratados como relevantistas.

- 1) A CTM funcionaria como base para uma teoria cognitiva geral para a metáfora, englobando a ideia de metáforas conceituais de Lakoff e Johnson (1985) e o mecanismo da Mescla Conceitual de Fauconnier e Turner (1998). A TR entraria nesse modelo como gatilho contextual disparador para o processo de seleção de características conceituais mútuas que geram uma metáfora.
- 2) A TR estaria certa, e as metáforas realmente seriam produto de processos comunicativos explicados pela relevância. Sob essa perspectiva, se descartaria a proposta de um mecanismo de interpretação de metáforas. Embora a TR seja responsável por mapear as metáforas com conceitos *ad hoc*, ainda assim haveria um bom espaço para conceitos metafóricos e metáforas incorporadas.

1.2 OBJETIVOS

Este trabalho tem como objetivo geral dissertar a respeito de duas correntes teóricas diferentes que discutem a metáfora: a Teoria Conceitual da Metáfora, de Lakoff e Johnson (1985), e a Teoria da Relevância, de Sperber e Wilson (1986). Essa dissertação tem a finalidade de contrastá-las para verificar se a existência de uma teoria Híbrida da Metáfora se sustentaria.

Diante dessa diretriz, os objetivos específicos são:

- 1) Estudar a CMT de Lakoff e Johnson (1985) e sua proposta de metáfora conceitual, buscando a compreensão do funcionamento da proposta de cognição incorporada.
- 2) Apresentar a ideia de Mescla Conceitual, descrita por Fauconnier e Turner (1998), analisando se este faria parte de uma Teoria Híbrida.
- 3) Descrever a perspectiva pragmática do assunto, focada principalmente na TR de Sperber e Wilson (1986), com o objetivo de ver como funciona a proposta relevantista de interpretação contextual da metáfora.

- 4) Estudar como funciona a formação de um conceito *ad hoc*.
- 5) Comparar a CTM e a TR, verificando se e como melhor se estrutura uma Teoria Híbrida da metáfora, e se há conflito entre a metáfora conceitual de Lakoff e Johnson (1985) e o conceito *ad hoc* como proposto pela TR.

1.3 METODOLOGIA E ORGANIZAÇÃO DOS CAPÍTULOS

A pesquisa realizada nessa dissertação de mestrado é de caráter qualitativo, exploratória, e buscou proporcionar maior familiaridade com o tema de estudo, fazendo com que o objeto se tornasse mais explícito. A pesquisa foi do tipo bibliográfica, já que o tema foi abordado a partir de material já elaborado previamente.

Como primeiro capítulo foi destinado à introdução da temática, o segundo capítulo dessa dissertação foi escrito com o objetivo de explicar a Teoria Contemporânea da Metáfora, de Lakoff e Johnson (1986). Essa teoria tem como proposta descrever um sistema cognitivo baseado em metáforas e nos traz, como veremos mais adiante, valiosos insights sobre como o aspecto social participa ativamente de nossa cognição.

Em seguida, ainda dentro do segundo capítulo, foi feita a análise de outra teoria – de raízes pragmáticas e descendente de Grice (1967) –, que é a Teoria da Relevância, de Sperber e Wilson (1986). Esta se propõe a explicar fenômenos linguísticos, dentre eles a metáfora, como resultantes do princípio ótimo de relevância, contribuição oriunda dos estudos do inglês Paul Grice.

A princípio pode parecer que o trabalho se limitou a confrontar um modelo semântico a outro pragmático, com o objetivo único de esboçar vantagens e desvantagens de cada um, buscando responder qual dos dois modelos consegue lidar melhor com o objeto metáfora. Entretanto, existe uma reflexão a ser feita sobre os trabalhos que abordam a metáfora como participante ou como fruto do sistema conceitual humano. George Lakoff desenvolveu, juntamente com Mark Johnson, a Teoria Contemporânea da Metáfora, baseado nos modelos de semântica prototípica e semântica cognitiva. Esse modelo resultou em uma teoria conceitual da metáfora, que tem

como principal aspecto defender um sistema conceitual profundamente metafórico.

O terceiro capítulo apresentou a visão da Teoria da Relevância (1986) – uma perspectiva do assunto completamente diferente, que parte de um postulado pragmático de Grice, que não entende a metáfora como um vetor para teoria, participando ativamente dos processos cognitivos, mas sim uma consequência de interações cognitivo-sociais. Entretanto, as bem-sucedidas explicações relevantistas para fenômenos como metáfora e ironia frente ao seu modelo cognitivo baseado no princípio de relevância ótima qualificam a TR como modelo cognitivo muito bem estruturado, o que nos leva ao quarto capítulo.

O quarto capítulo descreve a visão de Teoria Híbrida da metáfora proposta por Tendahl e Gibbs (2008). Nesse capítulo está melhor explanada a hipótese de número 1, como descrita ao final de 1.1.

Depois dessa etapa, existem ainda as considerações finais, nas quais, além de retomar brevemente os objetivos concluídos ao longo dessa dissertação, descrevi a conclusão à qual pude chegar a respeito da teoria Híbrida de Tendahl e Gibbs (2008).

2 METÁFORA CONCEITUAL

Ao longo deste capítulo, pretendo explicar a Teoria da Metáfora Conceitual (CTM), de Lakoff e Johnson (1985), considerando algumas de suas particularidades. Dentre elas, cabe distinguir entre o estudo da metáfora apenas no campo da literatura e a direção que é tomada na linguística, dentro do campo da pragmática. Iniciamos, pois, esse processo de distinção citando os próprios autores, quando dizem que:

A metáfora é para a maioria das pessoas um mecanismo da imaginação poética e do florescimento retórico – uma questão extraordinária da linguagem. Além disso, a metáfora é normalmente vista como característica da linguagem por si só, uma questão de palavras, em vez de pensamento ou ação. [...]. Nós descobrimos que, pelo contrário, a metáfora é generalizada na vida cotidiana, e não apenas na linguagem, mas em pensamento e ação. Nosso sistema conceitual, em termos de como nós pensamos e agimos, tem sua natureza fundamentalmente metafórica.² (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 3)

O primeiro passo, portanto, que devemos dar em direção à compreensão da CTM é diferenciar “metáforas poéticas” de “metáforas conceituais”. Não é por acaso que a citação acima é o primeiro parágrafo, do capítulo inicial, do livro *Metaphors we live by* de Lakoff e Johnson (1985).

A maior diferença entre as metáforas poéticas e as metáforas conceituais é a perspectiva de estudo. Quando os autores citam em suas linhas de abertura que metáforas são vistas como um mecanismo retórico, estão resgatando uma perspectiva histórica que recai sobre o estudo do objeto, oriunda sobretudo do campo da literatura. Com o objetivo de buscar entender este ponto de vista, vamos aqui definir como metáfora o ato de dizer uma coisa em termos de outra. Vejamos um exemplo:

(1) Seus olhos são um oceano

² Tradução minha. Todas as traduções presentes neste trabalho são de minha autoria, e apresento nas notas de rodapé os textos originais. Texto original: “Metaphor is for most people a device of the poetical imagination and rhetorical flourish—a matter of extraordinary language. Moreover, metaphor is typically viewed as characteristic of language alone, a matter of words rather than thought or action.[...] We have found, on the contrary, that metaphor is pervasive in everyday life, not just language but in thought and action. Our conceptual system, in terms of which we both think and act, is fundamentally metaphorical in nature.”

(2) A vida não é um mar de rosas.

Em (1), temos a atribuição do conceito de oceano aos olhos de uma pessoa. Compreender qual é o objetivo do falante ao proferir essa metáfora pode ser complicado, pois tal uso pode depender de alguns fatores, como as experiências pessoais do falante com o oceano. O significado dessa metáfora também está atrelado a características da pessoa que tem seus olhos comparados ao oceano. Conhecendo-se a pessoa descrita, podemos saber quais características são comuns entre os olhos dela e um oceano, compreendendo, pois, o significado da metáfora. De forma mais simples: alguém pode estar se referindo apenas à coloração azulada, enquanto outro pode estar proferindo algo em relação à profundidade do oceano, e conseqüentemente algo menos literal em relação àqueles cujos olhos estão sendo descritos.

Em (2), existe um ditado popular já cristalizado em nossa língua. Ou seja, o significado desta metáfora é independente de características subjetivas, como em (1). Um mar de rosas seria algo maravilhoso; esse conceito está ligado à beleza da flor rosa. Portanto, nessa metáfora compreendemos o significado de que a vida não é maravilhosa.

Para explorar um pouco mais o conceito de “cristalização do sentido de uma metáfora”, citado acima, vamos olhar para outro possível significado para “*um mar de rosas*”. A flor rosa é conhecida por ser elegante, bela e perfumada; entretanto, outra característica de tal flor é o fato de possuir espinhos. Inclusive, existem alguns ditados populares em português brasileiro que fazem menção a esse fato, como, por exemplo, “*quem ama a rosa, suporta os espinhos*” ou “*não há rosa sem espinhos*”. A primeira metáfora, apesar de se referir à flor rosa, pode ser entendida como fazendo menção a pessoas (mais comumente, do gênero feminino, já que a nossa sociedade ocidental traça uma relação entre características atribuídas culturalmente à feminilidade – como delicadeza, por exemplo – e flores; a ideia remonta ao ideal do feminino, à ideia da mulher como alguém a ser protegido por conta de alguma fragilidade inata). Ambas podem ser entendidas também como descrevendo a própria vida ou eventos nela vivenciados.

O curioso nesses ditados é que, apesar de similares, sinalizam diferentes significados para a ideia do espinho na rosa. Ainda que o segundo atue, de certa forma, desconstruindo o conceito de fragilidade – a rosa possui espinhos, ou seja, possui proteção –, a ideia implícita é a de que não há uma situação unicamente positiva, ou agradável: existem perigos (espinhos). Neste sentido, o primeiro ditado atribui, ainda mais, uma característica negativa aos espinhos. A ideia de termos que suportar algo nos faz inferir que se trata de uma provação, nos levando a considerar os espinhos como características negativas que uma rosa possui, ou seja, que uma pessoa, por mais bela e agradável que seja, possui. Os usos dessas metáforas, portanto, não seriam exatamente iguais.

As expressões fazendo menção às características agradáveis e desagradáveis da rosa não são exclusividade da língua portuguesa. Em inglês, encontramos as expressões (*idioms*):

- a) “*To smell like a rose*”³ (indicando aparência inocente, mesmo que não o seja, ao sair de alguma situação);
- b) “*To come out/up smelling like a rose*”⁴ (significando ter êxito: no caso de “*come out*” há a relação com ser melhor que outros em uma situação específica; com “*come up*”, a ideia é ter êxito e se mostrar respeitável após a resolução de algo complicado),
- c) “*Every thing is coming up roses*”⁵ (indicando que a vida é/está sendo maravilhosa).

As expressões acima conotam características agradáveis que, na língua inglesa, são atribuídas à flor rosa. Mas, assim como no português, também existem os ditados que abordam as características negativas, enunciando o espinho. A expressão “*there’s no rose without a thorn*”⁶ funciona literalmente da mesma forma que a “*não há rosa sem espinhos*”. Outra que aparece de forma semelhante nas duas línguas, utilizando apenas de outro objeto de

³ Cheirar como uma rosa.

⁴ Sair/surgir cheirando como rosas (tradução literal).

⁵ Tudo está surgindo rosas (tradução literal).

⁶ Não há nenhuma rosa sem espinho.

comparação, é a *“life is not a bed of roses”*⁷. Esta indica que o canteiro seria algo maravilhoso, mas que a vida não é maravilhosa. É interessante notar que em inglês temos uma relação entre rosas e canteiro que aparenta ser mais direta e fazer mais sentido do que a relação entre rosas e mar, comum em português, mas, ao considerar a relação com a navegação que o povo português tem, talvez possamos vislumbrar uma possível origem para a expressão.

Buscando entender ainda mais a formação desse ditado em português, podemos começar a analisar a ideia do mar. Primeiramente, sabemos que há uma enorme gama de características associadas ao mar. Mares compõem 75% do espaço do nosso planeta e, portanto, é possível afirmar com segurança que uma de suas características é de grandiosidade, ao se estender por espaços extensos. Ele também pode ser visto como perigoso e turbulento. Um ditado que utiliza a palavra mar com esse significado é “quem anda no mar, aprende a rezar”.

Tendo em vista a quantidade de significados atrelados aos componentes dessa metáfora (“mar” e “rosas”), seria perfeitamente viável considerar que a metáfora II, citada anteriormente – *“a vida não é um mar de rosas”* –, carrega um significado bastante negativo. Seria extremamente desagradável, se não mortal, estar em meio a um mar de rosas (e, porventura, espinhos) remexido por uma tempestade. Entretanto, essa metáfora não é interpretada assim em situações normais de convívio. O significado padrão, cristalizado, do ditado metafórico *“a vida não é um mar de rosas”* é o de que a vida não é algo tão belo, pois “mar de rosas” significaria algo positivo.

As metáforas são vistas por poetas e escritores como uma ferramenta de construção do discurso. Através delas, é possível adicionar múltiplas interpretações a uma frase. Aristóteles falava sobre as metáforas em seu livro *Poética*, uma das obras responsáveis por caracterizar a padronização da poesia grega. Segundo Aristóteles, *“a metáfora é a aplicação de um nome que pertence a uma outra coisa, quer por transferência do gênero à espécie, da espécie ao gênero, da espécie a espécie, quer por analogia”* (ARISTÓTELES, 2001, p. 78).

⁷ A vida não é um canteiro de rosas.

De acordo com o pensamento aristotélico, a capacidade de adicionar sentidos variados a conceitos relativamente simples, com o objetivo de enriquecer o texto, pode ser uma ferramenta valiosa na mão de autores e compositores. A música “*What is this thing called love*”⁸ de Cole Porter, por exemplo, fala sobre alguém que se pergunta por que as coisas parecem diferentes quando se está apaixonado: “*Love flew in through my window/ I was so happy then/ But after love had stayed a little while/ Love flew out again*”⁹.

O autor poderia simplesmente falar que, antes de se apaixonar, ele vivia em um estado estagnado de felicidade, porém o fato de se apaixonar modificou a rotina emocional dele. Entretanto, foi uma preferência do autor personificar o amor em um animal, provavelmente um pássaro que invade sua casa e modifica o dia a dia de sua vida. O animal pode ser visto como um pássaro, no inglês, pois existe a expressão “*love birds*”¹⁰, que é utilizada quando se diz respeito a um casal muito apaixonado. Há também a possibilidade de alguém compreender que pela janela entrou um inseto, já que também existe a ideia de que, quando se apaixona, você foi mordido pelo “*love bug*”¹¹. De forma interessante, alguém que tivesse a imagem de um “*love bird*” evocada provavelmente teria um entendimento mais romântico do significado da música do que alguém que pensasse no “*love bug*”, pois temos uma aversão geral à ideia de ser picado por qualquer espécie de inseto.

É possível entender e explicar todas as metáforas descritas acima sob a perspectiva da CTM, pois, afinal, elas são metáforas, e, por consequência, se encaixam em uma teoria linguística sobre metáforas. O que distingue a CTM de outras teorias sobre metáfora anteriores é que seu objetivo principal não é lidar com esse tipo de metáfora, mas sim descrever um sistema conceitual baseado em metáforas conceituais.

Vamos, então, analisar mais profundamente as metáforas da música anteriormente citada para buscar a compreensão do que são as metáforas conceituais. Na letra de Cole Porter, teríamos a metáfora “*o amor é um animal*”, na qual o conceito de animal seria projetado sobre o de amor. Para entender

⁸ O que é essa coisa chamada amor?

⁹ O amor voou pela minha janela/Eu era tão feliz naquela época/ Mas depois de o amor ficar um pouco/ O amor voou embora novamente.

¹⁰ Passarinhos do amor.

¹¹ Inseto do amor.

como essa sobreposição de conceitos funciona é importante a introdução de certos termos. Cançado (2012) aponta para a existência de *domínio fonte* e *domínio alvo*. Neste caso, animal seria o domínio fonte funcionando como o conceito que irá projetar suas características no domínio alvo, que, no caso, é o amor; e, derivado dessa projeção, emerge o significado metafórico.

Podemos observar a compreensão da metáfora como um elemento presente cotidianamente na seguinte fala: “[...]Nós descobrimos, pelo contrário, que a metáfora é presente na vida cotidiana.”¹². Essa linha, do parágrafo de abertura, salienta o tom adotado no livro *Metaphors we live by* (1985). Em outras palavras, Lakoff e Johnson estão apontando que o caminho para a explicação de como nosso sistema conceitual é estruturado metaforicamente passa por perceber o quanto de nossa comunicação diária é feita utilizando metáforas e como elas estão, na verdade, ligadas a metáforas conceituais.

Como exemplo, vamos pegar a famosa metáfora “*discussão é guerra*”, apontada pelos autores em *Metaphors we live by* e usada por grande parte da literatura sobre o assunto para compreender o fenômeno. Diversas metáforas se originam de “discussão é guerra”. Cançado explica que:

[...] na linguagem do inglês, a argumentação é normalmente comparada à guerra. No português, também funciona esse tipo de metáfora:

- a) Seus argumentos são indefensáveis.
 - b) Ele atacou todos os pontos fracos da minha proposta.
 - c) Suas críticas atingiram bem o alvo.
 - d) Eu demoli os argumentos dele.
 - e) Eu usei essa estratégia para vencer meu debatedor. ”
- (CANÇADO, 2012)

O que acontece é que o conceito de guerra sobrepõe o conceito de discussão sempre que discutimos ou nos referimos a uma discussão. Palavras como atacar, defender (indefensáveis) e atingir fazem parte do léxico de guerra e são utilizadas quando se fala em – ou se tem – uma discussão. Evidência ainda mais nítida desta sobreposição de conceitos são as frases “d” e “e”, pois o fato de existir uma estratégia de atuação em uma argumentação demonstra

¹² We have found, on the contrary, that metaphor is pervasive in every day life.

que a noção de guerra é transposta sobre a de argumentação, e não apenas o léxico. Isto fica demonstrado em “d” pela palavra “demolição”, que transmite a ideia de ataque extremamente bem-sucedido em direção a um adversário.

Essas metáforas estão presentes no nosso dia a dia, e o uso delas sugere que há mais nas metáforas do que um mero artifício literário.

Como essas metáforas não tem pretensão poética, devemos distingui-las de metáforas literárias como *Juliet is the Sun* [Julieta é o Sol]. Às vezes elas são chamadas de metáforas conceituais, porque ninguém precisa dizer “DISCUSSÃO É GUERRA”. (PINKER, 2007, p. 276)

Contudo, como salientado por Cançado (2012), mesmo no português há metáforas derivadas de “discussão é guerra”. O que nos leva à última parte do parágrafo inicial de Lakoff e Johnson: “*Nosso sistema conceitual, nos termos nos quais nós pensamos e agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza*”¹³ (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 5). A metáfora “discussão é guerra” é capaz de gerar tantas metáforas subjacentes, pois um conceito é sobreposto a outro. Em outras palavras, em nossa sociedade entendemos discussões como guerras. Sempre que há uma discussão, há a noção de embate que resulta em um vencedor e um perdedor. Como essa metáfora faz parte de nosso sistema conceitual, sempre que nos referimos ou participamos de alguma discussão o conceito de guerra emerge. Portanto, para os autores: “*A essência da metáfora é entender e experienciar um tipo de coisa em termos de outro*”¹⁴ (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 5).

Seguindo a linha de argumentação traçada a partir da metáfora da música de Cole Porter, na qual sustento que é possível fazer uma análise conceitual sobre metáforas poéticas, também se torna admissível visualizar em metáforas cotidianas – como em “*suas críticas atingiram bem no alvo*” – uma janela para a natureza metafórica do nosso sistema conceitual. Como posto por Lakoff e Johnson:

¹³ “our conceptual system, in terms of which we both think and act, is fundamentally metaphorical in nature”

¹⁴ the essence of the metaphor is understanding and experiencing one type of thing in terms of another

Como expressões metafóricas na nossa língua são vinculadas a conceitos metafóricos de forma sistemática, podemos usar expressões linguísticas metafóricas para estudar a natureza dos conceitos metafóricos e ganhar uma compreensão da natureza metafórica de nossas atividades. (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 7)¹⁵

Para entender melhor a relação e sobreposição entre conceitos proposta pelos autores, vamos analisar duas metáforas conceituais: a primeira proposta por Lakoff e Johnson (2003) e a segunda analisada por Pinker (2007) e Fauconnier e Turner (2008). Vejamos:

- 1) TEMPO É DINHEIRO
- 2) TEMPO É ESPAÇO

A partir da primeira, são geradas metáforas como:

- a) Você está me fazendo perder tempo.
- b) Meu tempo está sendo desperdiçado.
- c) Esse aplicativo salvou horas do meu dia.
- d) Como o seu tempo é gasto ultimamente?
- e) Trocar aquele pneu custou uma hora do meu dia.
- f) Quantas semanas ainda tem restantes para concluir a dissertação?
- g) O problema foi que você não aplicou seu tempo com esperteza.

Podemos observar em “d”, “e” e “g” uma clara transposição de conceitos entre tempo e dinheiro. Gastar o tempo, custar uma hora e aplicar o tempo funcionam como expressões conectadas diretamente com características monetárias. A principal característica dessa metáfora é, porém, a ligação entre o conceito de “dinheiro” que é tanto algo valioso quanto é um recurso limitado. Portanto, quando temos “tempo é dinheiro”, temos “tempo é valioso” e “tempo é um recurso limitado”. Com isso as metáforas em “a”, “b”, “c” e “f” se tornam

¹⁵ Since metaphorical expression in our language are tied to metaphorical concepts in a systematic way, we can use metaphorical linguistic expressions to study the nature of metaphoric concepts and to gain an understanding of metaphorical nature of our activities.

mais claras. Em “a” só se perde algo que é valioso; em “b” e “c” a ideia de desperdício e a noção de salvar estão conectadas com a relação de valor e escassez. Em “f” o tempo restante para conclusão da tarefa é visto como algo limitado, se encaixando assim também na metáfora “tempo é dinheiro”. O exemplo “tempo é dinheiro” tem como objetivo ilustrar como as metáforas conceituais, presentes no nosso dia a dia, podem também funcionar baseadas em um sistema de subcategorização, pois, como descrito, “dinheiro” corresponde tanto a algo valioso quanto para recurso limitado, expandindo assim a metáfora. Essas subcategorizações, segundo Lakoff e Johnson (2003) caracterizam a relação entre as metáforas em nosso sistema conceitual.

Em dois, temos a metáfora “tempo é espaço”. Fauconnier e Turner (2008) propõem a análise de três sentenças decorrentes de “tempo é espaço”.

- 1) Três horas se passaram e então nós jantamos.
- 2) Minutos são rápidos, mas horas são lentas.
- 3) Aquelas três horas passaram vagarosamente para mim, mas as mesmas três horas foram rápidas para ele.

O exemplo “h” nos mostra que não só projetamos uma concepção mensurável ao tempo, como também existe a noção de movimento, atrelada ao verbo passar. Temos nesse exemplo a comprovação de que, para nós, as horas passam. Os autores consideram esse exemplo significativo porque no domínio *espaço* conceitos mensuráveis não exercem movimento. Não temos relatos de metros ou centímetros, unidades mensuráveis no domínio espacial, se mexendo.

Vemos em “i” que temos distintas concepções de velocidade para diferentes unidades mensuráveis de tempo. Isso pode parecer estranho, pois as unidades de tempo possuem sempre a mesma velocidade. Isto é, um segundo tem a mesma duração ao compor minutos e ao compor horas; logo, não deveria haver essa dissonância. Porém, os autores explicam que as noções temporais são distribuídas separadamente entre duas diferentes unidades mensuráveis de tempo. Portanto, temos uma noção de tempo para um minuto e uma noção de tempo para uma hora, mesmo sabendo que essas mensurações são sempre inter-relacionadas.

Em “j” pode ser observado que não só as noções de tempo podem ser diferentes entre si, como elas também podem variar de pessoa para pessoa. Isso por que nós projetamos nossas experiências subjetivas na combinação conceitual entre tempo e espaço.

Pinker (2007) ressalta uma característica diferente em relação à metáfora “tempo é espaço”. Ele propõe as seguintes sentenças:

- 4) Tudo isso ficou para trás.
- 5) Estamos olhando para frente.
- 6) Ela tem um grande futuro à frente.

Explicando a forma de compreender essa metáfora, coloca que:

Na metáfora ORIENTAÇÃO TEMPORAL, um observador é localizado no presente, com o passado atrás dele e o futuro à frente. [...] então um movimento metafórico pode ser acrescido à cena de duas maneiras, ou uma ou outra. (PINKER, 2008, p. 221)

As metáforas descritas por Pinker (2008) fazem parte de outra categoria de metáforas conceituais presentes na CTM, as metáforas orientacionais. Nos próximos tópicos deste capítulo, iremos analisar as diversas classificações para tipos de metáforas.

2.1 METÁFORAS ORIENTACIONAIS

As metáforas orientacionais não estruturam um conceito em termos de outro, mas organizam todo um sistema de conceitos em relação a outro. Esse tipo de metáfora dá ao conceito uma orientação espacial, como em “tempo é espaço”, e, de acordo com Lakoff e Johnson (2003, p. 15), “*essa orientação espacial surge do fato de que nós temos corpos do tipo que temos e que eles funcionam como funcionam em nosso ambiente físico*”¹⁶. Assim sendo, as

¹⁶ Theses spatial orientations arise from the fact that we have bodies of the sort we have and that they function as they do in our physical environment.

orientações não são arbitrárias, pois suas bases são relacionadas às experiências físicas e culturais.

Algumas orientações espaciais citadas são: cima - baixo, dentro - fora, frente - trás, dentro de - fora de, fundo - raso, central - periférico. Exemplos de metáforas possíveis que representam essa relação orientacional binária são: “*happy is up*” e “*sad is down*”¹⁷. Segundo os autores, essa metáfora nasce das posturas corporais nos momentos de depressão e tristeza – normalmente curvadas – e daquelas ligadas a momentos de alegria, em que nos apresentamos, geralmente, de forma mais ativa. Assim sendo, torna-se possível a expressão “*I’m feeling down today*”¹⁸. Todo um sistema de sentenças com coerência interna será formado com base nessa metáfora: “*você está de alto astral*”, “*eu caí em depressão*”, “*estou me sentindo para baixo*” e “*meu espírito afundou*”, entre outros.

Há também uma sistematização externa entre as várias metáforas relacionadas às nossas experiências espaciais, definindo uma coerência entre elas. Por exemplo, metáforas que se referem ao bem-estar geral normalmente têm uma orientação **para cima**: “*happiness is up*”, “*health is up*”, “*alive is up*”¹⁹. As duas últimas metáforas são coerentes entre si.

É importante ressaltar que as metáforas são construídas de acordo com experiências culturais e que, por isso, não são estáveis: “*em algumas culturas, o futuro está em nossa frente, enquanto em outras ele está atrás*”²⁰, (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 15). Um exemplo disso é a associação da cor azul em inglês – *blue* – com se sentir deprimido (chegando a batizar como *blues* um gênero musical relacionado ao sentimento de tristeza e falta de perspectiva do povo negro americano durante a década de 1910, quando o gênero teve origem), enquanto, em alemão, se sentir azul seria algo positivo: quando tudo está bem, dizem “*Alles blau!*” (“tudo azul!”). No português, há situações em que a ideia de “tudo azul!” é utilizada. Rastrear a origem da metáfora é difícil, mas podemos imaginar que pode estar presente na nossa língua justamente por ter sido importada e traduzida por imigrantes alemães.

¹⁷ Felicidade é para cima. Tristeza é para baixo.

¹⁸ Estou me sentindo para baixo hoje.

¹⁹ Felicidade é para cima, saúde é para cima, estar vivo é para cima.

²⁰ In some cultures the future is in front of us, whereas in others it is in back. (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 15)

Além disso, muitos conceitos chamados por Lakoff e Johnson de “puramente intelectuais”, como os das teorias científicas, são frequentemente fundamentados em metáforas cujas bases são físicas ou culturais. A expressão “partículas de alta energia” é baseada no conceito “mais é para cima”.

Outro exemplo válido de um idioma que utiliza frames de referência diferentes do nosso é a língua maia *tzeltal*, falada até hoje por um pequeno grupo de pessoas no México. Estudos sobre esse caso foram feitos por Levinson (1996), Brown (2012) e Pinker (2008). Uma das características peculiares dessa língua é que os falantes de *tzeltal* têm um sistema de orientação geográfico diferente do nosso, que é egocêntrico – consideramos o homem e, por consequência nosso ponto de vista, como centro do mundo. Baseados no nosso ponto de vista individual são formulados os conceitos de cima-baixo e direita-esquerda, por exemplo. Já o *tzeltal* se baseia na paisagem que está em volta e não na perspectiva do falante. Não existe, por exemplo, a noção de direita e esquerda como é apresentada para nós e “*o mais próximo que possui são termos para o braço ou perna direitos ou esquerdos, mas os termos são raramente usados para se referir ao lado esquerdo do objeto, de uma mesa ou de uma sala*” (PINKER, 2012). Como os falantes vivem em uma região montanhosa, os frames de referência que usam são “*uphill*”²¹ e “*dowhill*”²². Portanto, ao invés de utilizar o conceito apresentado abaixo, em A, seria utilizado o conceito expresso em B:

- A) A colher está à direita da xícara.
- B) A colher está encosta abaixo da xícara.

Segundo Pinker (2008), os falantes de *tzeltal* possuem a mesma capacidade cognitiva que nós. Ou seja, embora determinados usos não representem o mesmo sentido que para nós – como, por exemplo, direita e esquerda – não significa que eles não tenham a capacidade de utilizá-los. Porém, pelo fato de eles viverem em uma região fechada e montanhosa, que

²¹ Encosta acima

²² Encosta abaixo

possibilita a comunicação com “*uphill*” e “*downhill*”, não existe a necessidade da utilização de direita e esquerda.

Também existem exemplos de outras metáforas orientacionais tempo/espço em *tzeltal*, como “tempo” significando uma mudança de estado ou local sobre uma linha temporal unidirecional.

São metáforas em que aparecem períodos de tempo (anos, idades) sendo expressos como lugares ou como resultado de uma mudança de local/estado:

a) *lok'=ix ta cheb ja'wil, och=ix ta oxeb te*²³
 exit=ACS PREP two year enter=ACS PREP three DET
alal=e
 child=CLI

“A criança saiu dos dois anos (de idade), ele entrou no três²⁴” Brown (2012).

b) *ja' tik' waxakeb k'aal li' ta martextik ya*
 ! insert eight day here PREP Wednesday IC
 P
x-tal-0 i
 ASP-come DEI

“É uma semana (a partir de hoje) na terça (quando) ele virá...²⁵” Brown (2012)

O futuro com “*upwards*”²⁶ e “*uphill*” representa uma metáfora de mudança de estado ou local, por meio da qual a linha do tempo –tanto para o passado quanto para o futuro – é orientada como nos frames “*down*”²⁷,

²³ Todos os dados e glosas sobre *tzeltal* foram obtidos em Brown (2012).

²⁴ The child has exited two years (of age), he has entered three.

²⁵ It is a week (from today) on Tuesday (when) he'll come.

²⁶ Em frente

²⁷ Baixo

“north”²⁸, “up”²⁹ e “south”³⁰, todos ancorados geograficamente. Essas metáforas se apresentam no vocabulário *tzeltal* como um conceito espacial absoluto, consistindo em verbos como “ascending”³¹/ “descending”³²/ “go”³³, *across*³⁴ e substantivos como “uphill”/ “downhill”/ “acrossways”³⁵ e “at.its.underneath”³⁶/“above.it”³⁷. Por exemplo:

c) tame ta j-pat-tik ya j-kajtaj-tik,
if PREP 1E-back-1PLI ICP 1E-count-1PLI,
koel ya j-kajtaj. koel bel a ta'yej
DIRdown ICP 1E-count DIRdownDIRaway ANA PT

“Se para trás (para o passado, literalmente: “para nossas costas”) nós contamos, para baixo eu conto. Para baixo e para o longe, nesse caso.”³⁸
Brown (2012)

d) ja' y-anil abril te marzo=e,
! 3E-underneath/downhillwards April DET March=CLI,
ja' y-ajk'ol abril
! 3E-above/uphillwards April

[Na sequência de meses] Março é para baixo/trás de Abril. Abril é para cima.”³⁹ Brown (2012)

e) alan ya s-k'an ya s-na' s-toj-ol
downhill ICP 3E-want ICP 3E-know 3E-straight-NOM

²⁸ Norte

²⁹ Cima

³⁰ Sul

³¹ Ascendendo

³² Descendendo

³³ Ir

³⁴ Através

³⁵ Através do caminho

³⁶ Debaixo

³⁷ Sobre, em cima

³⁸ If backward (into the past, lit.: “to our backs”) we count, downwards I count. Downwards awaywards in that case.

³⁹ [In the sequence of months] March is downwards of April, April is upwards.

“Para baixo (por exemplo, antes do evento) ele quer saber”⁴⁰ Brown (2012)

alan	k’ub-an-bil	we’el-il
downhill	ask.ahead-TVR-PASSPT	food-NOM

“A refeição foi preparada “para baixo” (antes do tempo).”⁴¹ Brown (2012)

f) moel ya x-ben-0 y-u-il,
 DIRascend ICP ASP-walk-3A 3E-month-NOM,
 ya x-mo-0 bel te ja’wil=e
 ICP ASP-ascend-3A DIRaway DET year=CLI

“Os meses vão para cima, os anos ascendem para o longe.”⁴² Brown (2012)

O que Lakoff e Johnson pensam ser universal nas metáforas orientacionais é a criação de esquemas imagéticos que representam nosso deslocamento espacial. Nossas experiências concretas de movimento no espaço são projetadas por meio de metáforas para a compreensão de situações de cunho abstrato, como as vivências emocionais e sociais.

2.2 METÁFORAS ONTOLÓGICAS

O conceito de metáforas ontológicas tem como propósito dar outras bases – além da mera orientação espacial – para as nossas vivências abstratas, como fenômenos de ordem natural e social, além de eventos, atividades e emoções.

Para compreendermos essas experiências, tratamos fenômenos físicos como entidades ou substâncias, como se elas tivessem suas superfícies

⁴⁰ Downhill [i.e., ahead of the event] he wants to know

⁴¹ The meal was prepared “downhill” (ahead of time).

⁴² Os meses vão para cima, os anos ascendem para o longe.

demarcadas com limites artificiais. Isso torna mais fácil as tarefas de referenciação, categorização e agrupamento de tais entidades. Por consequência, nossa reflexão sobre o mundo torna-se uma tarefa mais simples. Nas palavras de Lakoff e Johnson:

Quando coisas não são claramente separadas ou limitadas, nós ainda as categorizamos, por exemplo, montanhas, esquinas, cercas vivas, etc. Tais formas de ver fenômenos físicos são necessárias para satisfazer certos propósitos que temos: localizar montanhas, encontrarmos-nos em esquinas, podar cercas vivas. Propósitos humanos tipicamente nos exigem impor fronteiras artificiais que fazem fenômenos físicos independentes como nós somos: entidades limitadas por uma superfície.⁴³ (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 25).

Um exemplo de metáfora ontológica é *"inflation is an entity"*⁴⁴. Algumas sentenças possíveis utilizando esse tipo de estrutura metafórica são: *"a inflação está abaixando nosso padrão de vida"*; *"se houver muito mais inflação, nós não vamos sobreviver"*; *"precisamos combater a inflação"*; *"a inflação está nos encurralando"*; *"a inflação está causando danos no caixa do mercado e na bomba de gasolina"*; *"comprar terras é o melhor jeito de lidar com a inflação"*.⁴⁵

Nos casos vistos anteriormente, o tratamento da inflação como uma entidade nos permite lidar racionalmente com esse conceito tão abstrato. Podemos nos referenciar a ele, quantificá-lo, identificar alguns aspectos desse fenômeno ou ainda agir a respeito de tal experiência.

Há muitas metáforas ontológicas que servem a propósitos limitados, como, por exemplo, a referenciação e a quantificação. Entretanto, o fato de apenas vermos algo não físico como uma entidade ou substância não nos permite compreender muito sobre ele. No entanto, as metáforas ontológicas podem ser mais elaboradas e, assim, mostrar outros aspectos de conceitos abstratos.

⁴³ When things are not clearly discrete or bounded, we still categorize them as such, e.g., mountains, street corners, hedges, etc. Such ways of viewing physical phenomena are needed to satisfy certain purposes that we have: locating mountains, meeting at street corners, trimming hedges. Human purposes typically require us to impose artificial boundaries that make physical phenomena discrete just as we are: entities bounded by a surface.

⁴⁴ Inflação é uma entidade.

⁴⁵ Inflation is lowering our standard of living; if there's much more inflation, we'll never survive; we need to combat inflation; inflation is hacking us into a corner; inflation is taking its toll at the checkout counter and the gas pump; buying land is the best way of dealing with inflation.

Como exemplo, Lakoff e Johnson (2003, p. 27) trazem a metáfora “*the mind is an entity*”⁴⁶. Ela pode ser desdobrada com a utilização de outros tipos de objetos: “*the mind is a machine*”⁴⁷ e “*the mind is a brittle object*”⁴⁸. No primeiro caso, sentenças utilizadas no nosso cotidiano são: “*My mind just isn’t operating. I’m a little rusty today*”⁴⁹. Já para a segunda metáfora, é possível dizer: “*Her ego is very fragile*”, “*You have to handle him with care since his wife’s death*”⁵⁰.

Esses desdobramentos nos dão modelos metafóricos sobre como a mente é e enfatizam diferentes aspectos das experiências mentais. Com eles, percebemos também a maior ou menor gama de possibilidades de significação das metáforas a respeito de *mente*:

A metáfora da “máquina” nos dá uma concepção de mente como possuidora de um estado ligado-desligado, um nível de eficiência, uma capacidade produtiva, um mecanismo interno, uma fonte de energia, uma condição operacional. A metáfora do “objeto frágil” não é tão rica. Ela nos permite falar apenas sobre força psicológica.⁵¹ (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 28).

Muitas vezes, as metáforas ontológicas nos parecem tão naturais e cotidianas que pensamos que elas são apenas descrições de fenômenos. Como quando estamos indicando a alguém um caminho e dizemos “ *siga adiante três quarteirões depois dobre a esquina para direita*” ou quando dizemos que “*estamos acampados ao pé da montanha*”.

Outro tipo usual de metáfora ontológica é aquele que considera que os corpos humanos são recipientes, separados do resto do mundo pela superfície de nossas peles e vivenciamos o mundo como uma parte exterior a nós. Assim, somos delimitados por uma superfície e possuímos uma orientação dentro-fora, que projetamos para outros objetos que são limitados por superfícies, considerando-os também recipientes. Exemplos óbvios são quartos e casas,

⁴⁶ “A mente é uma entidade”.

⁴⁷ “A mente é uma máquina”.

⁴⁸ “A mente é um objeto frágil”.

⁴⁹ Minha mente não está funcionando. Estou um pouco enferrujado hoje.

⁵⁰ O ego dela é muito frágil. Você tem que tratá-lo com cuidado desde a morte da sua esposa.

⁵¹ The MACHINE metaphor gives us a conception of the mind as having an on-off state, a level of efficiency, a productive capacity, an internal mechanism, a source of energy, and an operating condition. The BRITTLE OBJECT metaphor is not nearly as rich. It allows us to talk only about psychological strength.

mas também projetamos essa ideia para a natureza: como uma clareira dentro de uma mata.

Há um tipo mais específico de metáfora ontológica chamado de “personificação” que será visto em maiores detalhes na sequência.

2.2.1 Personificação

A personificação é considerada pelos autores – dentre todas as metáforas ontológicas – a mais óbvia. Nela, um objeto físico é especificado como sendo uma pessoa. Para Lakoff e Johnson (2003, p. 32) “isso nos permite compreender uma grande variedade de experiências com entidades não-humanas em termos de motivações, características e atividades humanas”⁵². Alguns exemplos gerais de personificação são: “este fato argumenta contra as teorias padrão”; “a vida me traiu”; “a inflação está comendo nossos lucros” e “o câncer finalmente o pegou”.⁵³ Em cada uma das sentenças, algo não humano é compreendido como uma pessoa. De acordo com Lakoff e Johnson, a personificação não se constitui como um único processo geral e unificado. Cada personificação é diferente, pois diferem também os aspectos humanos selecionados para abordar o fenômeno abstrato. Os autores citam a personificação do termo “inflação”.

Em *The Contemporary Theory of Metaphor* (1992), George Lakoff cita o caso de personificação referente à morte. O autor salienta que em língua inglesa é comum a utilização de “a morte é uma entidade”. Dentro dessa perspectiva, se criam diversas figuras para a morte como, por exemplo, cavaleiro negro, cocheiro, jogador de xadrez ou até mesmo uma ceifadora.

Em português brasileiro a morte também é vista personificada (ou até encarnada) em algumas entidades. A produção de poesia no Brasil faz extenso uso de metáforas de personificação da morte enquanto entidade. Destacam-se,

⁵² “this allows us to comprehend a wide variety of experiences with nonhuman entities in terms of human motivations, characteristics, and activities”

⁵³ “this fact argues against the standard theories”; “life has cheated on me”; “inflation is eating up our profits” e “cancer finally caught up with him”.

dentre outros, Manuel Bandeira e Augusto dos Anjos. Bandeira tem em um de seus mais famosos poemas, chamado “Consoada”, os seguintes versos:

“Quando a Indesejada das gentes chegar

(Não sei se dura ou caroável),

Talvez eu tenha medo.

Talvez sorria, ou diga:

– Alô, iniludível!

O meu dia foi bom, pode a noite descer.

(A noite com seus sortilégios.)

Encontrará lavrado o campo, a casa limpa,

A mesa posta,

Com cada coisa em seu lugar.” (BANDEIRA, 1981, p. 86)

Este poema apresenta, como tantos outros do mesmo poeta, o tema da morte. É interessante ressaltar que a voz poética está falando com um interlocutor, provavelmente o leitor, e descrevendo qual sua reação quando morrer. Porém em nenhum momento há referência clara e literal à palavra “morte”; o fator que nos indica que esse é o assunto do poema é o apelido dado à morte pelo autor: “Indesejada das gentes”. Dois aspectos evidenciam a personificação da morte logo no primeiro verso: o fato de “Indesejada das gentes” ser um apelido para a morte – e apelidos são características de seres vivos – e o verbo chegar. Se a morte está chegando, ela é uma entidade. Na sequência do poema, o eu lírico conversa com a morte, chamando-a de “iniludível”. Infelizmente, não fica claro se a morte lhe respondeu, mas, se há diálogo, há personificação.

Como segundo caso, proponho a observação de uma estrofe de “Poema Negro”, do poeta paraibano Augusto dos Anjos.

“É a Morte — esta carnívora assanhada —

Serpente má de língua envenenada

Que tudo que acha no caminho, come...

— Faminta e atra mulher que, a 1 de janeiro,

Sai para assassinar o mundo inteiro,

E o mundo inteiro não lhe mata a fome! ” (ANJOS, 1999, p. 95)

Nesta estrofe, Augusto dos Anjos chama a morte de “carnívora assanhada” no primeiro verso, de “serpente má” no segundo e de “mulher” no quarto. Mesmo se considerarmos que a “serpente má de língua envenenada” seja também carnívora – e, nesse caso, temos apenas duas personalidades diferentes para morte, e não três, se carnívora e serpente forem animais diferentes –, temos um claro exemplo de que em português brasileiro também existe a visão da metáfora “a morte é uma entidade”, presente em vários casos.

É importante deixar claro que o objetivo de existirem tantas análises literárias neste trabalho é evidenciar a presença de metáforas conceituais estruturando todas as perspectivas abordadas. Tendo em vista que a metáfora é caracterizada por Lakoff e Johnson como um fenômeno cognitivo social, literatura e poesia fazem parte desse processo e por meio delas podemos entrar em contato com exemplos mais concretos de metáfora conceituais.

2.3 METONÍMIA

Lakoff e Johnson (2003) apresentam um segundo tipo de processo em seu livro: o da metonímia. As metonímias são formas de utilizarmos uma entidade e fazer referência à outra, a ela – própria entidade – relacionada.

Metáforas e metonímias são processos distintos. A metáfora é uma forma de conceber uma coisa em termos de outra e seu principal propósito é o da compreensão. Já a metonímia faz a função referencial, pois nos permite utilizar uma entidade para representar outra. Entretanto, assim como a metáfora, ela também cumpre a função de compreensão. Os conceitos da metonímia nos permitem focar mais especificamente em certos aspectos do objeto que está sendo referido.

Na metonímia “**a parte pelo todo**”, temos a opção de escolher diversas partes para que representem um todo. Quando utilizamos a frase “*precisamos de boas cabeças para o projeto*”, “*boas cabeças*” é uma referência a pessoas inteligentes, ou seja, a parte “cabeça” não apenas substituiu o todo “pessoas”

como também deu ênfase a uma característica desses indivíduos, a inteligência, que é comumente associada à cabeça.

A tarefa de diferenciar metáfora e metonímia é complexa, já que para Lakoff e Johnson, assim como os conceitos metafóricos, as metonímias são parte da forma como pensamos, agimos e falamos no nosso cotidiano e não apenas recursos poéticos ou retóricos, ou uma mera questão de linguagem, como podemos ver no seguinte trecho:

Em uma metáfora, existem dois domínios: o domínio de destino, que é constituído pela matéria imediata, e o domínio de origem, em que o raciocínio metafórico importante tem lugar e fornece os conceitos fonte utilizados neste raciocínio. A linguagem metafórica tem um significado literal nos domínios de origem. Além disso, um mapeamento metafórico é múltiplo, isto é, dois ou mais elementos são mapeados para um ou mais elementos. A estrutura imagem-esquema é preservada no mapeamento – interior de recipientes mapeiam interiores [...]. Em uma metonímia, existe apenas um domínio: o objeto imediato. Existe apenas um mapeamento; tipicamente os mapas de origem metonímica para o destino metonímico (a referência), de modo que um item no domínio possa representar o outro.⁵⁴ (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 265).

Segundo Lakoff e Johnson (2003), outras similaridades entre metáforas e metonímias são suas ocorrências não arbitrárias. Ambos os conceitos são sistemáticos e baseados em nossas experiências no mundo. Vários componentes culturais são casos especiais de metonímia. Quando nos referimos a “um Picasso”, utilizando a metonímia “**produtor pelo produto**”, não pensamos apenas em uma tela, mas sim em vários aspectos relacionados ao artista, como sua técnica, sua concepção de arte, seu papel na história, etc.

Outro exemplo de processos metonímicos é “**instituição por pessoa responsável**”, como em “*o Senado não concorda com a pena de morte*” ou “*eu não concordo com a ação do governo diante da crise*”. Em ambos os casos, as instituições – Senado e Governo – são representações de atos de indivíduos

⁵⁴ In a metaphor, there are two domains: the target domain, which is constituted by the immediate subject matter, and the source domain, in which important metaphorical reasoning takes place and that provides the source concepts used in that reasoning. Metaphorical language has literal meaning in the source domains. In addition, a metaphoric mapping is multiple, that is, two or more elements are mapped to or more other elements. Image-schema structure is preserved in the mapping – interiors of containers map to interiors [...]. In a metonymy, there is only one domain: the immediate subject matter. There is only one mapping; typically the metonymic source maps to the metonymic target (the referent) so that one item in the domain can stand for the other.

específicos, alguns senadores ou o governador e assessores. Entretanto, a ação é vista sob o olhar da instituição como um todo. Da mesma maneira, quando se fala que o Brasil perdeu de 7 x 1 no jogo contra a Alemanha, o que aconteceu foi que um time de futebol perdeu para outro time de futebol, porém a metonímia conceitual se faz evidente quando os cidadãos brasileiros (ou pelo menos parte deles, principalmente os amantes do esporte em questão) sentem como se o Brasil como um todo tivesse perdido para o país da Alemanha em sua totalidade, o que, de fato, não aconteceu.

A mesma ideia é presente quando falamos que um determinado país perdeu uma guerra para outro. Sabemos que soldados lutaram, e que governantes fizeram tratados e acordos para a finalização da determinada guerra. Porém, essas situações são percebidas historicamente ou como uma perda geral da nação como um todo, ou como a vitória suprema de toda a população.

Em “**lugar por instituição**” temos frases como “*a Casa Branca emitiu um comunicado dizendo que extraterrestres fazem parte da sociedade humana há 30 anos*” ou “*com o comunicado sobre vida extraterrestre emitido pela Casa Branca, Wall Street entrou em colapso*”. Em ambos os casos, vemos lugares, a Casa Branca como um edifício e Wall Street como um conglomerado de edifícios, representando instituições.

Os autores ainda afirmam que há vários componentes religiosos baseados em metonímias. Como exemplo, citam que, na tradição Cristã, a pomba representa o Espírito Santo. A escolha de tal ave não é arbitrária, já que ela se relaciona com a paz e é considerada bela, amigável, graciosa e silenciosa. Assim sendo, não seria possível fazer tal associação com outras aves – como a galinha ou o avestruz, por exemplo. Desta maneira, elementos simbólicos das metonímias são conexões com as nossas experiências cotidianas e os sistemas metafóricos coerentes que caracterizam as religiões e as culturas. Esses elementos metonímicos nos ajudam a compreender diversos conceitos que permeiam as mais distintas culturas.

2.4 COGNIÇÃO INCORPORADA

Neste capítulo, será discutido um modelo conceitual metafórico que, como vimos, se distancia de um modelo modular de mente e aponta para a direção de uma proposta de cognição metafórica. Gibbs (2014) ressalta a importância de estudos sobre metáfora e pesquisas em ciência cognitiva, e sua relação com metáforas conceituais que o levaram a *insights* sobre cognição incorporada:

Ainda assim a revolução nos estudos de linguística cognitiva, apoiada em pesquisas da ciência cognitiva, tem colocado a metáfora no centro dentro da cognição diária, e demonstrou que vários aspectos da linguagem e ação metafórica são fortemente conectados com a personificação de padrões recorrentes de experiência corporal.⁵⁵ (Gibbs, 2014, p. 167)

A cognição incorporada sugere que a conceptualização de certos elementos está relacionada com ações corporais recorrentes e que por meio dessas repetições estruturamos certos elementos do nosso sistema conceitual. Para entender melhor essa proposta, vamos revisitar o exemplo “*happy is up*”, presente na subdivisão dedicada às metáforas orientacionais. Como anteriormente apresentado, a correlação entre o sentimento e o conceito espacial se dá pela postura do corpo ao realizar determinadas situações. Entretanto, Lakoff e Johnson afirmam que a própria conceituação de “*up*” está relacionada às nossas movimentações físicas diárias.

[...]A estrutura dos nossos conceitos espaciais surge da nossa experiência espacial constante, ou seja, nossa interação com o ambiente físico. Conceitos que surgem dessa forma são conceitos pelos quais vivemos na forma mais fundamental. Assim “para cima” não é entendido puramente em seus próprios termos, mas surge de uma coleção de funções motoras realizadas constantemente que tem relação com nossa posição ereta relativa ao campo gravitacional no qual vivemos.⁵⁶ (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 56).

⁵⁵ Yet the revolution in cognitive linguistic studies, supported by research in cognitive science, has placed metaphor center stage within everyday cognition, and demonstrated that many aspects of metaphorical language and action are deeply tied to embodiment or recurring patterns of bodily experience.

⁵⁶ [...] the structure of our spatial concepts emerges from our constant spatial experience, that is, our interaction with physical environment. Concepts that emerge in this way are concepts that we live by in the most fundamental way. Thus UP is not understood purely in its own terms but emerges from the collection of constantly performed motor functions having to do with our erect position relative to the gravitational field we live in.

Neste excerto, a ideia fundamental dos autores fica clara: o simples fato de o indivíduo ter um corpo e se movimentar de determinadas maneiras, executando repetidamente ao longo de seu desenvolvimento determinadas ações (como se deitar e se levantar, no caso de “*up*”) irá influenciar para a decodificação de conceitos. Isso não significa que essa visão de decodificação seja estritamente motora. O ato de se levantar resultará em alguma decodificação, porém a história sociocultural tem grande influência para solidificar a incorporação do conceito.

Embora seja quase automático interpretar certas funções como puramente físicas, como andar e correr, e outras com uma perspectiva cultural, como a representação de emoções⁵⁷, existe, de uma forma ou de outra, uma faceta social em percepções físicas. Os autores exemplificam que a conceituação de “*up*” está relacionada com a relação entre a ação de se levantar, estar ereto, com o campo gravitacional no qual vivemos. Mas a própria percepção de mundo e do que representa esse campo gravitacional faz parte de um conhecimento construído com fundamentos culturais. Incorporar “*up*” baseado em ações relacionadas com o mundo pressupõe uma percepção sobre o que é o mundo, e essa percepção está atrelada a noções inerentes a nossa sociedade.

Suposições, valores e atitudes culturais não são uma sobreposição conceitual na qual podemos ou não colocar experiências de nossa escolha. Seria mais correto dizer que toda experiência é totalmente cultural, e que nós experimentamos nosso “mundo” de tal maneira que a nossa cultura está presente na própria experiência diária.⁵⁸ (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 57)

O rastreamento de determinados conceitos, mais relacionados com atividades físicas, é mais fácil por serem, segundo os autores, mais delimitados. No caso de *up/down*, *in/out*, *warm/cold*, representam maneiras do

⁵⁷ Felicidade não tem necessariamente o mesmo valor em culturas diferentes. Existe o sentimento físico de felicidade, que tem origens neurobiológicas oriundas de atos comportamentais. Determinadas atitudes geram uma reação química no cérebro de todo o ser humano que liberam endorfina e geram a sensação de prazer. Porém o que o conceito de felicidade representa pode variar culturalmente.

⁵⁸ Cultural assumptions, values, and attitudes are not a conceptual overlay, which we may or not place upon experience as we choose. It would be more correct to say that all experience is cultural through and through, that we experience our “world” in such way that our culture is present in every day experience itself.

nosso funcionamento, são respostas fisiológicas do corpo. Entretanto, quando se fala de emoções, há uma dificuldade maior de delimitação. Porém, relações emocionais e físicas estão estritamente interligadas e, por este motivo, entendemos certos aspectos de “*happy*” com fundamentação de “*up*”, e isso define a estruturação conceitual das metáforas orientacionais. Para os autores, cognição incorporada é observar relações conceituais como sendo “*Sistemática se relacionando dentro de nossa experiência.*”⁵⁹ (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 58). A metáfora “*time is a moving object*”, uma extensão de “*time is space*”, é considerada como orientacional, uma vez que se estrutura sobre a relação entre um objeto se movendo em relação a nós e o tempo que ele demora para chegar até nós.

Da mesma maneira pode-se observar a conceituação de metáforas ontológicas, como as já discutidas “*the mind is a machine*” e “*inflation is an entity*”. Os autores afirmam que nós nos entendemos como entidades separadas do mundo e, por consequência, acabamos projetando em objetos do mundo a característica de entidades. Para eles, essa visão nos possibilita entender o surgimento de alguns conceitos como o de objeto, de substância e de contêiner, que servem como base para alguns processos metafóricos discutidos nesse capítulo. Nas palavras dos mesmos:

Nós nos experimentamos enquanto entidades, separadas do resto do mundo – como recipientes com um interior e um exterior. Nós também experimentamos coisas externas a nós como entidades – geralmente, também como recipientes com um interior e um exterior. Nós experimentamos objetos como sendo compostos de diversas substâncias – madeira, pedra, metal, etc. Nós experimentamos muitas coisas, pela visão e toque, como tendo limites distintos, nós geralmente projetamos limites nelas – conceitualizando-as como entidades e, frequentemente, como recipientes.⁶⁰ (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 58)

⁵⁹ Systematic correlates with in our experience.

⁶⁰ We experience ourselves as entities, separate from the rest of the world- as containers with an inside and an outside. We also experience things external to us as entities- often also as containers with insides and outsides. We experience objects as being made up of various kinds of substances-wood, stone, metal, etc. We experience many things, through sight and touch, as having distinct boundaries, we often project boundaries upon them- conceptualizing them as entities and often as containers.

Conceitos metonímicos podem emergir de diferentes relações; em “**parte como o todo**” a relação feita é entre dois conceitos físicos. Como exemplo, temos:

*“O bonde passa cheio de pernas:
pernas brancas pretas amarelas.
Para que tanta perna, meu Deus, pergunta meu coração.
Porém meus olhos
não perguntam nada.”*(DRUMMOND, 1981, p. 43)

Identificamos a sobreposição do conceito de “*pernas*” sobre o conceito de “*pessoas*”, ambos objetos presentes no mundo; já em “**produtor pelo produto**”, “*gosto muito de ler Lakoff e Johnson*”, há a relação entre uma entidade física, o livro *Metaphors we live by*, e uma relação metafórica personificada como entidade física, Lakoff e Johnson representando seu livro, estruturando assim a metonímia.

A proposta de Lakoff e Johnson descreve como a nossa relação física com o mundo influencia, e por vezes molda, a estruturação conceitual. Porém, é importante ressaltar que o objetivo não é afirmar que relações físicas com o mundo são mais importantes que interações em diferentes domínios, como social ou emocional. A ideia essencial é que nós “*tipicamente conceituamos o não físico em termos do físico*”⁶¹. (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p 58). Para os autores, isso se dá pelo fato de as relações físicas serem aparentemente mais bem delineadas do que as não físicas. Em outras palavras, a decodificação de “*up*” é feita diretamente, pois os atos que levam a essa decodificação são mais diretos. Levantar e deitar são ações repetidas de forma mecânica e com frequência elevada durante a nossa vida, tornando-as mais delineadas que relações sociais ou emocionais. Como exemplo, os autores sugerem as seguintes frases:

1. Harry está na cozinha⁶²

⁶¹ Typically conceptualize the nonphysical in terms of the physical

⁶² Harry is in the kitchen

2. Harry está nos Elks⁶³

As duas sentenças representam dois domínios de conceptualização diferentes, físico e social, respectivamente. Porém, nenhum dos casos possui prioridade sobre o outro, ou é considerado mais importante, o que não significa, entretanto, que em termos de estruturação conceitual elas não sejam distintas. A preposição “*in*”, que em português significa “no” e “na”, se estrutura em (1) de forma puramente espacial. Em (2), entretanto, o processo ocorre sobre a metáfora social “*groups are containers*”.

Para uma análise mais rica sobre como as metáforas conceituais se solidificam vamos retomar a metáfora “*argumentação é guerra*”. Entendemos em “*argumentação é guerra*” que vivenciamos e experienciamos termos e funções de argumentação como guerra. O mecanismo descrito por cientistas cognitivistas pesquisadores de cognição incorporada explica como nosso aparato cognitivo conceitua certos termos em função de outros. “*Happy is up*” e “*argumentação é guerra*” representam, em suma, o mesmo processo. Experiências físicas e sociais são responsáveis por fundamentar conceitos e nós decodificamos significados por meio da sobreposição de conceitos, aparentemente em um crescendo que vai de conceitos melhor delineados até os mais abstratos.

Existe em “*happy is up*” um exemplo simples para a compreensão do modelo de cognição incorporada, pois a estruturação do conceito “*up*” é diretamente relacionada com ações no plano físico. Os próprios autores apontam que existe o fator social presente na nossa percepção de mundo físico que gera a decodificação desse conceito. Essa decodificação existe dessa maneira apenas para a nossa sociedade. Não se enxerga, por exemplo, esse tipo de metáfora na língua maia *tzeltal*, apresentada anteriormente nesse capítulo, pois a percepção de ambiente deles é diferente. O objetivo dessa argumentação não é apontar para a direção de um relativismo cognitivo, sugerindo que o aspecto social influencia na capacidade cognitiva do indivíduo, pois, mesmo que diferentes, em *tzeltal* há metáforas conceituais relacionando tempo e espaço, por exemplo.

⁶³Harry is in the Elks. “Elks” significa “alce”, porém, nessa frase, se refere a Benevolent and Protective Order of Elks, uma organização Norte Americana.

Sob tal perspectiva, é possível explorar os parâmetros dos aspectos culturais dentro do funcionamento cognitivo, e entender mais profundamente por que Lakoff e Johnson entendem a CTM como uma teoria de parâmetros cognitivo-sociais. Na metáfora “*argumentação é guerra*”, os autores traçam uma subdivisão para “*argumentação racional é guerra*”, chamando essa metáfora de “metáfora estrutural”. Essa divisão de nomenclatura é feita com o objetivo de delinear o tipo de discussão descrita pela argumentação. Os autores entendem que nessa metáfora estruturamos argumentação racional em termos de embates físicos. Resolver conflitos existentes por meio de uma ação física é uma característica presente na natureza. Seja por território, comida ou reprodução, é certo que o confronto físico existe entre animais. Leões possuem um sistema de controle de território muito rígido, e quando seu território é invadido há embate físico. Da mesma maneira, existe combate entre diferentes grupos de animais para disputar e preservar alimentos.

Os seres humanos – por serem animais racionais – desenvolveram outros métodos de resolver conflitos, que variam da instituição de leis e regras presentes de um conceito de justiça que gera um sistema de punição, a resolução de “ideias” em guerras. A ideia central é que não seria inteligente resolver todos os inúmeros conflitos cotidianos com lutas e brigas. Porém, a estrutura básica presente em conflitos é sempre a mesma. Há um embate entre duas partes que precisa ser resolvido, independente se por meio de embate físico ou argumentativo. Para Lakoff e Johnson:

Nós humanos evoluímos a instituição social da argumentação verbal. Nós discutimos o tempo todo para tentar ter o que queremos, e por vezes isso se “degenera” em violência física. Tais batalhas verbais são compreendidas em vários dos mesmos termos que batalhas físicas⁶⁴ (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 62)

A estruturação do nosso sistema judiciário evidencia essa característica. Dentro da sociedade existem determinadas regras pré-estabelecidas que

⁶⁴ We humans have evolved the social institution of verbal argument. We have arguments all the time in order to try to get what we want, and sometime this “degenerate” into physical violence. Such verbal battles are comprehended in much the same terms as physical battles.

precisam ser cumpridas para que ela funcione. Quando uma regra é violada, o indivíduo infrator é levado a julgamento pelos seus atos. O julgamento sempre ocorre da mesma maneira: existem os interesses da sociedade, defendidos por um promotor de justiça, e os interesses do indivíduo, defendidos por um advogado. Sob esse pretexto de embate entre duas perspectivas, ocorre a resolução do conflito.

Nossa estrutura social desenvolveu parâmetros em relação a tipos de argumentos utilizados em discussões. Dependendo da intensidade da discussão ou da relação entre as pessoas presentes na discussão, existem certas estratégias que podem ser utilizadas, como mencionam Lakoff e Johnson:

...porque eu sou maior que você. (Intimidação)
...porque se você não fizer, eu vou.... (Ameaça)
...porque eu sou o chefe. (Autoridade)
...porque você é estúpido. (Insulto)
... porque você geralmente faz errado. (Menosprezo)
...porque eu tenho tanto direito quanto você tem. (Desafiando autoridade)
...porque eu te amo. (Fugindo do problema)
...porque se você fizer, eu vou.... (Barganhando)
...porque você é tão melhor nisso. (Lisonja).⁶⁵ (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 63)

Esse tipo de estratégia argumentativa é utilizado diversas vezes. Esses exemplos evidenciam, entretanto, táticas que não são vistas como racionais ou até mesmo justas. Intimidações, ameaças e chantagens emocionais representam uma faceta mais agressiva dentro de discussões. Quando se utiliza esse tipo de argumento, o embate é provavelmente mais intenso. Em nossa sociedade, existem certas noções sobre argumentações e discussões que são violadas quando uma chantagem ou ameaça é feita.

⁶⁵ “...because I’m bigger than you.(intimidation)
...because if you don’t, I’ll... (threat)
...because I’m the boss. (authority)
...because you’re stupid. (insult)
...because you usually do it wrong. (belittling)
...because I have as much as right as you do. (challenging authority)
...because I love you. (evading issue)
...because if you will.../ I’ll... (bargaining)
...because you are so much better at it. (flattery)”

No mundo acadêmico ou legal, por exemplo, por mais que existam debates – por muitas vezes extremamente intensos – entre pontos de vista e sobre perspectivas teóricas, a estratégia de argumentação não pode envolver ameaças e intimidações, pelo menos, não oficialmente. Um advogado não pode se dirigir ao promotor com ameaças em pleno julgamento e, se o fizer fora da corte, é uma ação considerada extremamente antiética. Da mesma forma, em um texto acadêmico, não se faz afirmações vagas, sem referencial teórico ou empírico. Lakoff e Johnson apontam que a maneira como os argumentos são apresentados e a fundamentação de tais argumentos traça o paralelo entre “*argumentação é guerra*” e “*argumentação racional é guerra*”. Desta forma, em contraposição aos exemplos citados acima, temos:

É plausível assumir que... (Intimidação)
Não seria científico falhar em... (Ameaça)
Como Descartes mostrou... (Autoridade)
Falta o rigor necessário ao trabalho. (Insulto)
Os resultados dele não podem ser quantificados. (Menosprezo)
Para que não sucumbamos ao erro da abordagem positivista... (Desafiando autoridade)
Ele não apresenta nenhuma teoria alternativa. (Fugindo do problema)
Seu posicionamento é firme até onde vai... (Barganha)
Eu acho seu trabalho estimulante, [...] (Lisonja).⁶⁶ (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p.64)

Para Lakoff e Johnson, exemplos como esses nos ajudam a traçar a linha entre argumentação racional e argumentação apelativa, irracional, e entre elas a origem traçada da herança animal, oriunda de embates físicos. Ambos os exemplos de frases abrangem as mesmas estratégias: intimidação, ameaça, argumentos de autoridade, etc. Entretanto, a maneira como essas estratégias são utilizadas as diferenciam socialmente. Embora o objetivo ainda seja o

⁶⁶ “It is plausible to assume that [...] (intimidation)
It would be unscientific to fail to [...] (threat)
As Descartes showed, [...] (authority)
The work lacks the necessary rigor for [...] (insult)
His results cannot be quantified. (belittling)
Last we succumb to the error of positivist approaches, [...] (challenging authority)
He does not present any alternative theory. (evading issue)
Your position is tight as far as it goes, [...] (bargaining)
In his stimulant paper, [...] (flattery)”

mesmo, ganhar a disputa, moldamos nossa percepção de aceitável conforme a estruturação de nossa sociedade.

O modelo discutido até agora fornece indícios e argumentos sobre a composição do nosso sistema conceitual. A capacidade de estruturação de conceitos se baseia em experiências e atividades corporais efetuadas por nós em nosso dia a dia. Uma vez mapeado, o conceito funcionará como base para a compreensão de outros conceitos. Como observado acima, a estruturação conceitual funciona em uma escala dos mais delineados – que são originados de experiências físicas – para os menos delineados. O exemplo escolhido para explicação de como fundamentamos conceitos foi “*up*”, com a metáfora “*happy is up*”. Para reforçar a explicação de como funciona o modelo de cognição incorporada e como ele se relaciona com metáforas conceituais, vamos analisar a metáfora “*more is up*” e “*less is down*” conforme proposta por Lakoff (1987).

Por metáfora observamos as seguintes colocações:

- a) O valor do dólar está subindo.
- b) A taxa de natalidade está lá em cima esse ano.
- c) Minha fome aumenta a cada segundo.
- d) Os juros estão surpreendentemente baixos para essa época do ano.
- e) Nosso faturamento caiu em relação ao mês passado.
- f) Houve baixa nas procuras por bolsas de estudo esse semestre.

Nessas sentenças, observamos a utilização de palavras que representam noções de altura sendo empregadas em diferentes contextos, porém sempre representando quantidade. Sob essa perspectiva, entende-se que o domínio fonte é **verticalidade** e, o domínio alvo, é **quantidade**. Então o autor sugere as seguintes questões:

- 1) O que faz de “verticalmente” um domínio fonte apropriado?
- 2) Por que “quantidade” é compreendido sobre “verticalmente”, e não sobre qualquer outro domínio?

- 3) Por que “*more*” é mapeado sobre “*up*” e não sobre “*down*”? (LAKOFF, 1987, p. 276)

Em outras palavras: por qual razão essa metáfora é essa metáfora desse modo particular e quais são os elementos que direcionam esse tipo de mapeamento?

A resposta para a pergunta número (1) é que um domínio precisa ser compreendido independente de processos metafóricos. Assim como “*up*” e “*down*”, “verticalmente” tem uma relação física com o mundo, relacionada diretamente com percepções físicas de mundo, principalmente a noção de gravidade⁶⁷.

Lakoff afirma que para as questões (2) e (3) a resposta é que relações físicas em nossas experiências diárias levam a conceptualização de tais conceitos em determinada ordem. Sempre que se adiciona mais de uma substância a um recipiente – com líquidos se enche copos e jarras, quanto mais produtos há em uma sacola, mais volume ela adquire e maior ela fica – o nível aumenta. Removendo tais líquidos ou objetos, o nível irá abaixar, e, portanto, é feita a correlação entre “*more*” e “*up*” e “*less*” e “*down*”. Essas correlações nos permitem responder as perguntas 2 e 3:

2) “Verticalmente” serve como um domínio fonte apropriado por ser correlacionado com “quantidade”, pois atividades mundanas estabelecem uma ligação concreta entre os dois domínios.

3) Como toda metáfora é motivada por atividades físicas, os detalhes da estrutura são originários dos detalhes das relações entre ambos os domínios.

Como outro exemplo, temos a metáfora “*purposes are destinations*”⁶⁸:

⁶⁷ Como comentado sobre gravidade na conceptualização de “*up*”, gravidade possui uma faceta social que atua sobre a estruturação do conceito. Entretanto, há também o fenômeno físico que, fazendo ou não parte de uma descrição científica, como no nosso caso por Newton, existe. Entender a gravidade como uma força que puxa ou empurra objetos faz parte da faceta cultural, mas objetos no planeta Terra caem por algum motivo – que nós chamamos de gravidade.

⁶⁸ Propósitos são destinações.

- a) Estou a um longo caminho de atingir meus objetivos.
- b) A erradicação da fome no fundo está na direção correta.
- c) O andamento do projeto caminha a passos largos.
- d) O corte dos investimentos bloqueou as pesquisas empíricas.

Todas as frases representam objetivos a serem cumpridos, propósitos. Eles se relacionam com uma visão espacial de ambiente. A existência do conceito “destino” pressupõe a existência de uma jornada, ou seja, um ponto de partida, acontecimentos ao longo do caminho e um destino final. Portanto, ao entender propósitos como destino, entendemos que existe uma jornada a ser efetuada, com um caminho povoado por dificuldades e metas a serem atingidas; e, ao concluir um objetivo, existe a noção de chegar a algum lugar pré-estipulado como destino do propósito em si. Lakoff então sugere as seguintes perguntas:

- 1) O que torna “movimento” apropriado como o domínio fonte de “propósito”?
- 2) Por que “movimento” é usado para compreender propósito, ao invés de algum outro domínio como “contenção”, “frente-trás”, “verticalidade”, ou qualquer outro?
- 3) Por que o “estado desejado” é mapeado em “destinação”, ao invés de na “fonte”, ou outro ponto qualquer? ⁶⁹ (LAKOFF, 1985, p. 277)

Lakoff relaciona essa metáfora com a necessidade de sempre termos um destino para as nossas ações. Para o autor, atos como o de engatinhar, por exemplo, são motivados pela necessidade de chegar a algum lugar. Aprender a rastejar, ou engatinhar, faz parte do propósito de aprender a se mover, com o objetivo de chegar a algum ponto específico. Essa relação entre um movimento físico e uma representação espacial de destino – caminha de um ponto (A) em

⁶⁹ 1) What makes **movement** appropriate as a source domain for **purpose**?

2) Why is **movement** used to understand purpose, rather than some other domain, such as **containment**, **front-back**, **vertically**, or any other?

3) Why is the **desired state** mapped onto **destination**, rather than onto the **source**, or some other point? ⁶⁹ (LAKOFF, 1985, p. 277)

direção a um ponto (B) – não funciona como uma estrutura metafórica em si, ela representa um caso especial entre uma relação física que envolve movimento. Porém, a partir desse tipo de experiência estruturamos a metáfora da maneira apresentada. Lakoff, por fim, apresenta as seguintes respostas para as perguntas propostas:

- 1) O esquema “fonte-caminho-objetivo” é uma das estruturas mais comuns que surge de nosso funcionamento corporal constante. Esse esquema tem todas as qualificações que um esquema deve ter para servir como domínio fonte de uma metáfora. É (a) difusivo em experiência, (b) bem compreendido, pois é difusivo, (c) bem estruturado, (d) de estrutura simples, e (e) emergente e bem demarcado por essas razões. Na verdade, características a-d fornecem algum critério para o que significa para uma estrutura “surgir” naturalmente como uma consequência de nossa experiência.
- 2) Existe uma correlação experimental entre o domínio fonte (movimento por um caminho para um local físico) e o domínio alvo (conquista de um propósito). Essa correlação faz o mapeamento da fonte para o objetivo ser natural.
- 3) As correlações que cruzam domínios no emparelhamento experimental (por exemplo, estado desejado com local final) determinar os detalhes do mapeamento metafórico (por exemplo, mapa de estados desejados para o local final).⁷⁰ (LAKOFF, 1985, p. 278)

2.5 MESCLA CONCEITUAL

Fauconnier e Turner (2008) dão seguimento ao estudo de metáfora sob a perspectiva cognitivista descrevendo um mecanismo de interpretação metafórica sustentado pela teoria de Lakoff e Johnson (1985). O estudo da metáfora para Gilles Fauconnier e Mark Turner é relevante porque as

⁷⁰ 1) The SOURCE-PATH-GOAL schema is one of the most common structures that emerges from our constant bodily functioning. This schema has all the qualifications a schema should have to serve as the source domain of a metaphor. It is (a) pervasive in experience, (b) well understood because it is pervasive, (c) well-structured, (d) simply structured, and (e) emergent and well demarcated for these reasons. In fact, characteristics a-d provide some criteria for what it means for structures to “emerge” naturally as a consequence of our experience.

2) There is an experimental correlation between the source domain (movement along a path to physical location) and the target domain (achievement of a purpose). This correlation makes the mapping from the source to the target domain natural.

3) The cross-domain correlations in the experimental pairing (for example, desired state with final location) determine the details of the metaphorical mapping (for example, desired state maps onto final location).

metáforas refletem parte do funcionamento cognitivo do ser humano por meio de interações conceituais. Portanto, temos uma oportunidade para observar o funcionamento mental sob o olhar cognitivo. Também podemos explorar mais a fundo o poder comunicativo obtido através do uso de metáforas, e como elas são capazes de atingir significados diferentes dos normais esperados por uma inferência. Segundo Fauconnier e Turner, esse é um dos aspectos centrais a serem revistos nas teorias anteriores que tratam de tal assunto, visto que, para eles, tais poderes são “*overarching goals other than projection of inference*”⁷¹ (FAUCONNIER; TURNER, 2008, p.65). A capacidade de chegar a diferentes níveis de compreensão é um dos principais motivos que tornam o uso metafórico tão popular entre os seres humanos.

2.5.1 Blending e espaços mentais

O aspecto mais relevante para a compreensão da teoria dos autores é o fenômeno da combinação conceitual. Para explorar o blending temos que primeiro entender espaços mentais. Fauconnier e Turner propõem que nossa mente é composta de espaços mentais, ou compartimentos mentais, que são acionados quando nos comunicamos ou estamos pensando. Durante essas ações, existe um input que cria ou acessa um espaço mental, o qual contém informações a respeito de tal input. No caso de o input ser uma palavra, café, por exemplo, acessamos em nossa mente o compartimento mental relacionado ao café, que contém informações sobre café. Não se deve confundir o espaço mental correspondente ao café com a palavra café, pois os espaços mentais contêm informações subjetivas sobre o input em questão.

Agora então se pode entender o que são blendings. A tradução desta palavra que mais se adéqua à teoria de Fauconnier e Turner é combinação conceitual. Ela funciona como um compartimento que combina informações componentes de diferentes espaços mentais. Uma vez que inputs são

⁷¹ Mais importantes objetivos do que a projeção de inferências.

acionados, há mescla de informações que possibilita a compreensão da metáfora. Turner e Fauconnier nos dão uma boa explicação sobre a relação entre espaços mentais e combinações conceituais:

Espaços mentais são pequenos pacotes conceituais construídos enquanto pensamos e falamos, com o propósito de compreensão e ação local. Eles são interconectados e podem ser modificados conforme o pensamento e o discurso se desdobram. Fauconnier e Turner recentemente propuseram a existência de um processo cognitivo geral – mescla conceitual – que opera sobre os espaços mentais como inputs. Na mescla, estruturas de dois espaços de input são projetadas como um espaço separado, a “mescla”. A mescla herda estruturas parciais dos espaços de input, e tem uma estrutura emergente própria.⁷² (FAUCCONNIER; TURNER, 1998, p.137)

Para exemplificar o fenômeno do blending, vamos tomar como base o enigma do monge budista, proposto por Kestler em 1964, e constantemente usado em diversos artigos para demonstrar combinação conceitual.

O enigma é o seguinte: um monge budista começa a subir uma montanha ao nascer do Sol e atinge seu pico ao pôr do Sol. Lá ele medita por dias, até que decide que é hora de voltar para casa. Então, ele parte ao nascer do Sol em direção à base, concluindo sua jornada ao Sol poente. Não presumindo quais foram seus pontos de parada, concluímos que em algum momento de sua jornada existe um lugar no caminho que foi ocupado por ele na mesma hora do dia em ambas as viagens.

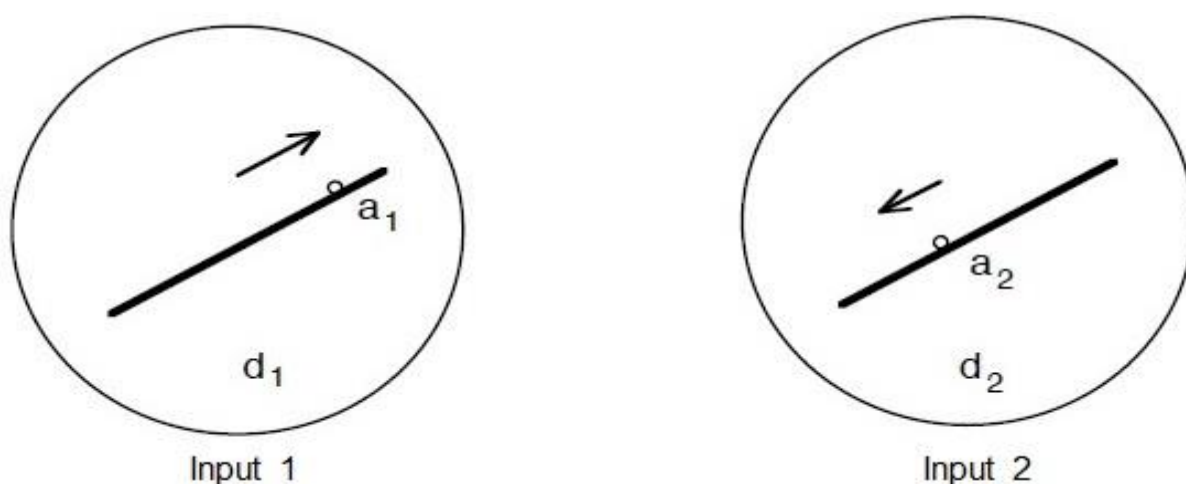
Fauconnier e Turner sugerem que esse é um problema cuja resolução pode ser explicada com o ponto de vista cognitivo. Quando estamos lendo o problema imaginamos o monge subindo a montanha e meditando. Ao continuar lendo, o problema pode parecer ilógico e é necessária uma parada para releitura e melhor compreensão. Segundo os autores, *“nossa demonstração do poder da mescla será provavelmente mais eficaz se o leitor pausar por um*

⁷² Mental spaces are small conceptual packets constructed as we think and talk, for purposes of local understanding and action. They are interconnected, and can be modified as thought and discourse unfold. Fauconnier and Turner have recently proposed the existence of a general cognitive process--conceptual blending--that operates over mental spaces as inputs. In blending, structure from two input spaces is projected to a separate space, the "blend." The blend inherits partial structure from the input spaces, and has emergent structure of its own.

*momento e tentar resolver o problema antes de continuar a leitura*⁷³ (FAUCONNIER; TURNER, 1998, p.137). Isso porque, após a parada, o leitor conseguirá entender o problema, e visualizar sobre a mesma montanha o monge fazendo sua viagem de ida e de volta ao mesmo tempo, e se encontrando em determinada parte do caminho. Este processo ocorre mesmo o leitor sabendo que esta situação é não só ilógica como também impossível, pois nenhum monge budista pode encontrar a si mesmo passando por um determinado lugar em dois dias diferentes. Porém, ao imaginar tal situação, nosso cérebro efetuou uma combinação conceitual. Vejamos melhor como isso ocorre na nossa mente.

Ao ler o enigma, criamos dois espaços mentais distintos em nossa mente. Cada um desses espaços mentais é corresponde a uma viagem do monge. Portanto eles funcionam com inputs para a combinação conceitual em questão.

FIGURA 1 – ESPAÇO DE INPUT



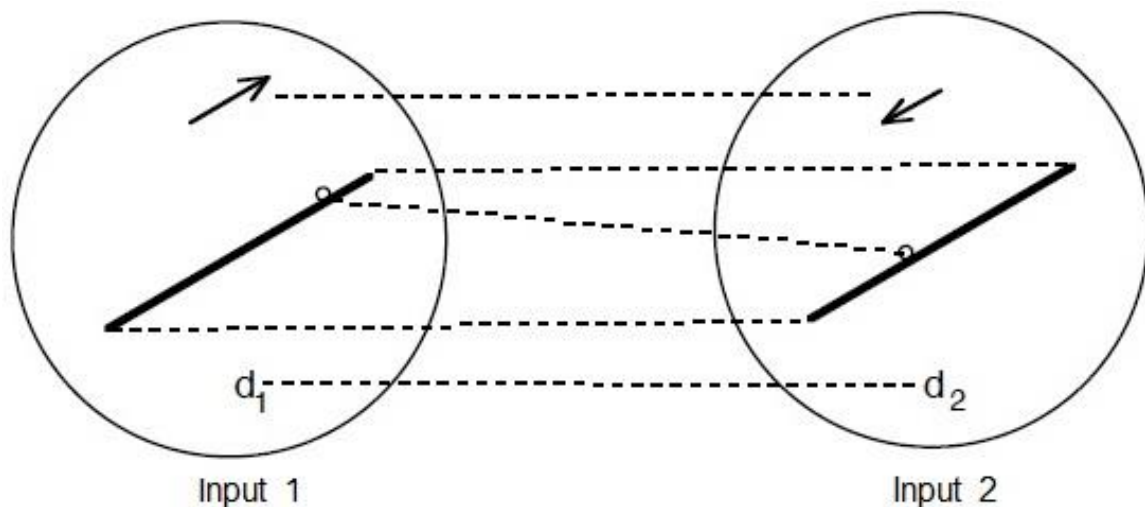
FONTE: FAUCONNIER e TURNER (1998)⁷⁴

⁷³ “our demonstration of the power of the blending is likely more effective if the reader will pause for a moment and try to solve the problem before reading further”.

⁷⁴ Modificado da versão posterior disponível em: <<http://www.cogsci.ucsd.edu/~faucon/BEIJING/CIN.pdf>>

Vemos nas figuras a representação dos inputs. Temos por d_1 e d_2 os dias em que as viagens foram realizadas e por a_1 e a_2 o monge e a direção que ele está seguindo. À medida que o problema é interpretado fazemos a ligação de todas as informações componentes nos compartimentos mentais:

FIGURA 2 – MAPEAMENTO DE CONEXÕES DE CONTRAPARTIDA

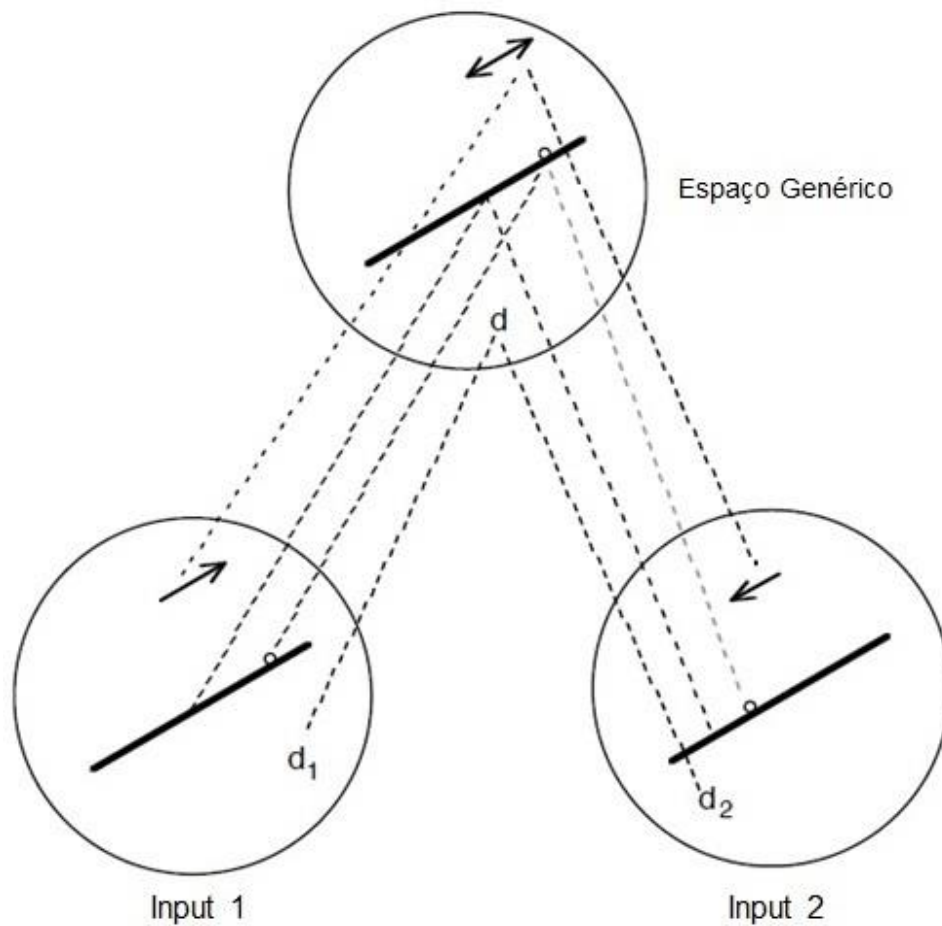


FONTE: FAUCONNIER e TURNER (1998)⁷⁵

Então é criado um espaço genérico interligando todas as informações em comum entre os espaços mentais. O monge se movimentando, a montanha (que constitui o caminho percorrido), um dia de viagem. Não existe uma direção específica ou a noção de um dia concreto. É então que ocorre um quarto espaço, a combinação conceitual:

⁷⁵ Modificado da versão posterior disponível em: <http://www.cogsci.ucsd.edu/~faucon/BEIJING/CIN.pdf>

FIGURA 3 - ESPAÇO GENÉRICO



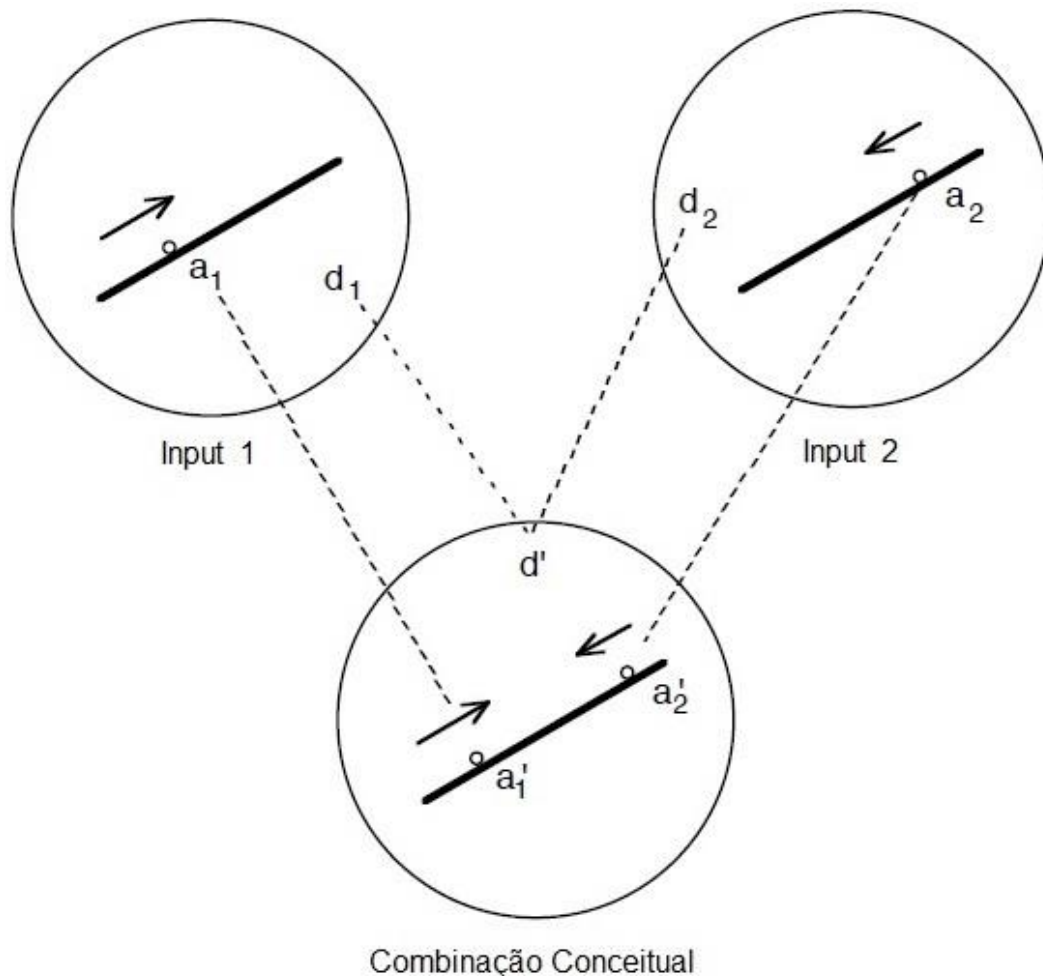
FONTE: FAUCONNIER e TURNER (1998)⁷⁶

Também existe um quarto espaço criado, o blending. No blending temos duas informações idênticas combinadas em um único conceito. No caso observamos a montanha se tornando o caminho unificado, e os dois dias de viagem, d_1 e d_2 , transformados em um só dia, d' . Enquanto no espaço

⁷⁶ Modificado da versão posterior disponível em: <http://www.cogsci.ucsd.edu/~faucon/BEIJING/CIN.pdf>

genérico nós temos apenas um monge, na combinação conceitual temos dois monges, a_1' e a_2' , caminhando em direções opostas. Como temos a projeção dos dois monges, podemos agora entender como funciona esse problema.

FIGURA 4 - MESCLA



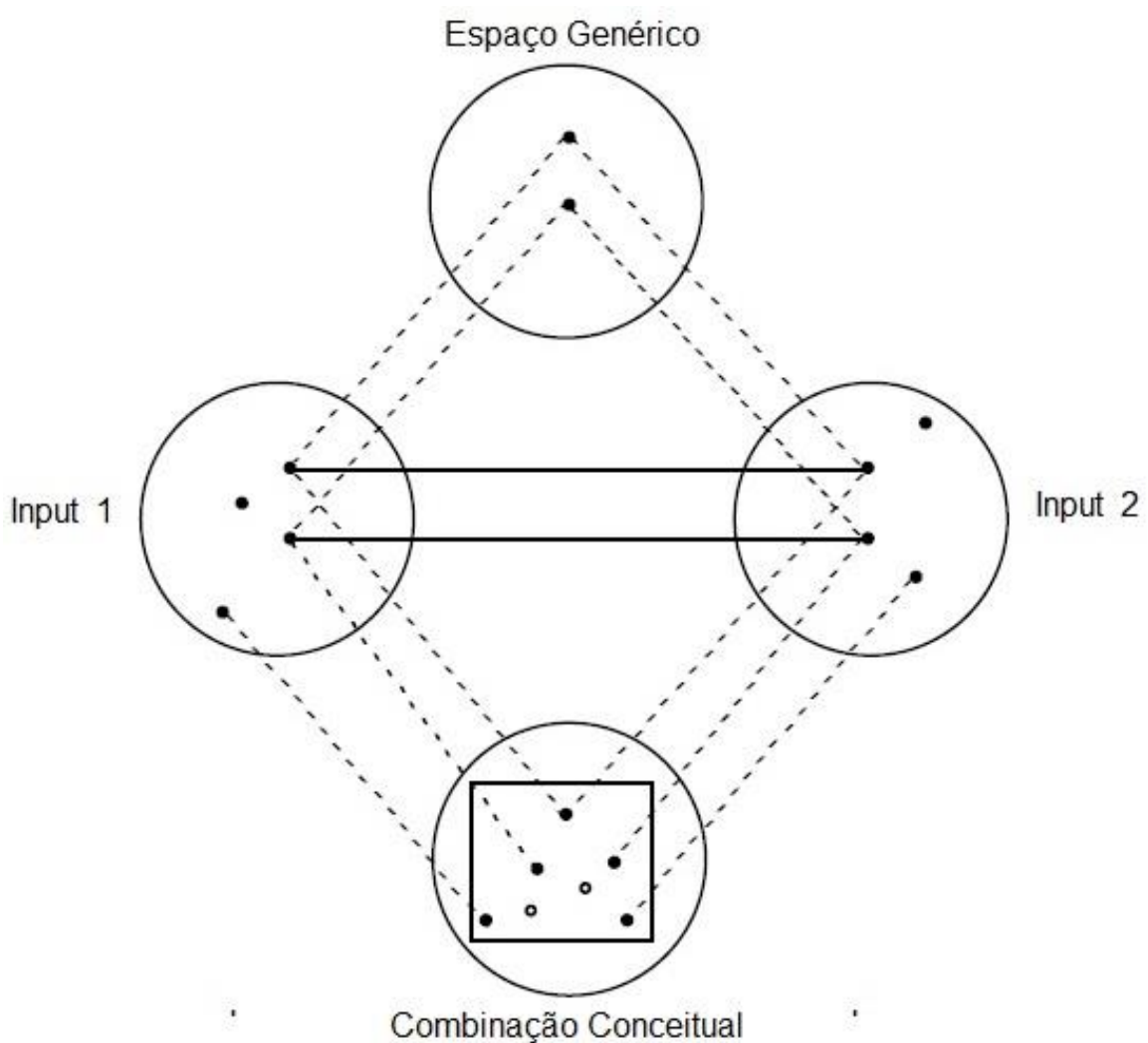
FONTE: FAUCONNIER e TURNER (1998)

2.5.2 Redes neurais

Com a análise da relação metafórica entre tempo e espaço, percebemos como o mapeamento conceitual não é um conceito absoluto, pelo contrário, está sempre sujeito às experiências subjetivas de cada indivíduo.

Tendo isso em vista, um modelo de funcionamento da mente começa a ser desenhado oriundo das relações componentes das combinações conceituais. Fauconnier e Turner propõem que existem redes neurais interligadas mentalmente. Com base nas ilustrações vistas no exemplo do monge budista, temos um exemplo de como seria uma rede neural:

FIGURA 5 - REDE NEURAL



FONTE: FAUCONNIER e TURNER (1998)

Para estes autores, essas redes neurais surgem do estudo das

combinações conceituais e começam a explicar como funciona a nossa estrutura cognitiva. É interessante salientar que, com o estudo das redes neurais e sua composição, é possível identificar a metáfora como produto das interações existentes em tais redes:

O que antes foi considerado como fenômenos separados ou até operações mentais separadas – contrafatuais, enquadramentos, categorizações, metonímias, metáforas, etc. – são consequências da mesma habilidade humana básica da mescla de duplo escopo. Mais especificamente, esses fenômenos são todos produtos da integração de redes sob os mesmos princípios gerais e metas abrangentes.⁷⁷ (FAUCONNIER; TURNER, 2008, p.54).

Como exemplo de como as redes neurais funcionam, farei uma análise da música “Chão de Estrelas”, à luz da Teoria da Mescla Conceitual de Fauconnier e Turner:

*Minha vida era um palco iluminado
Eu vivia vestido de dourado
Palhaço das perdidas ilusões
Cheio dos guizos falsos da alegria
Andei cantando a minha fantasia
Entre as palmas febris dos corações*

*Meu barracão no morro do Salgueiro
Tinha o cantar alegre de um viveiro
Foste a sonoridade que acabou
E hoje, quando do sol, a claridade
Forra o meu barracão, sinto saudade
Da mulher pomba-rola que voou*

*Nossas roupas comuns dependuradas
Na corda, qual bandeiras agitadas
Pareciam um estranho festival
Festa dos nossos trapos coloridos
A mostrar que nos morros malvestidos
É sempre feriado nacional*

A porta do barraco era sem trinco

⁷⁷ What were previously regarded as separate phenomena and even separate mental operations - counterfactuals, framings, categorizations, metonymies, metaphors, etc. - are consequences of the same basic human ability for double-scope blending. More specifically, these phenomena are all the product of integration networks under the same general principles and overarching goals.

*Mas a lua, furando o nosso zinco
Salpicava de estrelas nosso chão
Tu pisavas nos astros, distraída
Sem saber que a ventura desta vida
É a cabrocha, o luar e o violão*

Observando a música, podemos perceber que esta é composta por diversas metáforas para descrever o personagem principal. Cada estrofe e cada rima trazem mais informações, veladas por comparações, que terminam por pintar um quadro sobre a forma como o próprio enxerga sua vida. A sucessão de metáforas funciona como um bom exemplo das redes neurais propostas por Fauconnier e Turner (2008). Analisando o conteúdo apresentado em cada estrofe, pode-se perceber que a rede (formada pelas metáforas em cada verso) gira em torno da metáfora conceitual MINHA VIDA É UM PALCO.

Iniciemos pela análise desta metáfora conceitual. Sobre ela, paira um sentimento shakespeariano, quando consideramos que:

*O mundo inteiro é um palco
E todos os homens e mulheres não passam de meros
atores
Eles entram e saem de cena
E cada um no seu tempo representa diversos papéis.*

Essa fala de Shakespeare tende a ser interpretada de formas diferentes dependendo do leitor. Dentre estas, podemos ressaltar duas: a visão do mundo como um teatro como algo positivo, e a visão deste como algo negativo. Pessoas que possuem alguma proximidade emocional com o teatro tendem a enxergar a dramaturgia como algo agradável, uma festividade. O teatro grego, almejando a catarse do público e dos próprios atores, tanto em tragédias como em comédias, é vista como um ato nobre e é admirada, sendo uma das Sete Artes Liberais.

Entretanto, há outra interpretação. O teatro, principalmente tendo-se em vista a ideia de atuação, é encarado por vezes como algo que denota falsidade. Apesar da citação de Shakespeare fazer menção ao conceito da mortalidade

humana, sem fazer um claro juízo de valor sobre os papéis interpretados por cada ser dentro de seu tempo de atuação, é comum, dentre os mais cínicos, perceber o ator como alguém que está contando uma mentira elaborada ao público.

Desta mesma forma, funciona uma metáfora conceitual: existe um input (no caso, a frase do Shakespeare), e existem as inferências que podem ser feitas a partir das informações e da experiência de vida do indivíduo receptor. Dentro da música “Chão de Estrelas”, existem sentimentos diferentes com relação à ideia de a vida ser um palco, que se aproximam destes que discutimos anteriormente. A metáfora conceitual MINHA VIDA É UM PALCO, a princípio, nos leva a pensar que o personagem entende que o fato de sua vida ser como um palco, iluminado, ele próprio trajado de dourado, infere apenas alegria sobre seu passado.

Mas, através da próxima metáfora introduzida, EU SOU UM PALHAÇO, a concepção de vida no palco como algo feliz é desestabilizada. Ao se ver como um palhaço, descreve ações e ornamentos da fantasia para exprimir como se sente perante sua realidade. Dizer que é um “palhaço das perdas ilusões”, “cheio dos guizos falsos da alegria”, nos leva a pensar no drama clássico do palhaço que, apesar de trabalhar buscando alegrar as pessoas, não necessariamente possui felicidade em seu dia-a-dia. A melancolia do palhaço viria justamente da impossibilidade de recorrer a algum instrumento que traga alegria, por ser ele mesmo esse veículo. Este é o mote principal da ópera de Ruggero Leoncavallo, “Pagliacci”, que estreou em 1892, sendo referenciada até em filmes e quadrinhos na era moderna.

O personagem, se vendo como um palhaço com guizos falsos, cantando a fantasia, ou seja, algo não verdadeiro, mostra seu cinismo para com o palco em que vive. Os dois primeiros versos, exaltando a cor dourada e a iluminação, refletem a parte mais glamorosa da vida de alguém no palco, enquanto os três versos seguintes transbordam com interpretações mais duras sobre o que pode haver por trás da figura do simples palhaço. O último verso indica que, entre as palmas recebidas do público, não havia a compreensão de seu drama particular.

A concepção de palco e, talvez tão importante quanto, sua iluminação, permeiam a próxima estrofe. Ao descrever sua moradia, o personagem, agora

despojado da caracterização de palhaço, apresenta a metáfora MINHA CASA É UM VIVEIRO. Suas memórias são agora trazidas, nas quais exprime a presença de música (canto), em sua vida, antes desta sumir. O retorno da iluminação (“E hoje, quando do sol, a claridade/ Forra o meu barracão...”) marca a presença da luz como elemento que resgata a lembrança saudosa de quem enchia sua casa de canto, sua pomba-rola, a mulher que levou consigo elementos antes positivos, relacionados ao conceito da vida como um palco.

A terceira estrofe, apesar de trazer mais comparações do que metáforas conceituais, remete à metáfora do EU SOU UM PALHAÇO, da primeira estrofe. Ao descrever por três formas diferentes as vestimentas – “roupas comuns”, “trapos coloridos”, “malvestidos” – dele, de sua mulher pomba-rola antes de partir, e do restante do morro onde reside, dizendo que as pendurando o morro fica com bandeiras que fazem com que pareça um festival, ou um feriado nacional, o conceito de felicidade e alegria que o palhaço traz se faz aqui presente. Analisando mais profundamente, a ideia que o personagem faz da vida no morro e do tipo de vestimenta que possuem não são necessariamente alegres, mas, quando observadas por terceiros, vendo ao longe o festival colorido das tais bandeiras, transmite a sensação de festividade e alegria, assim como o palhaço, que, apesar de melancólico, era visto como veículo de felicidade para os outros.

No início deste trabalho, a última estrofe teve algumas características analisadas, porém, sob uma ótica diferente da que está sendo empregada nesta parte do texto. Portanto, aqui cabe explicá-la novamente, seguindo a lógica das metáforas conceituais em questão.

O personagem volta a ter reminiscências sobre o período passado com sua mulher pomba-rola, e passa a fazer descrições mais físicas sobre sua casa, se afastando da metáfora do viveiro. Entretanto, a relação com a iluminação do palco volta a estar presente, ao descrever a forma como a lua atravessava o teto do barracão e iluminava o chão. A luz da lua, na visão do personagem, se transformava em estrelas, ou astros. Aqui temos uma metáfora que pode ser entendida como dupla, pois, além da comparação já descrita, também há a ligação conceitual entre essa metáfora das estrelas e a metáfora do palco, já que, no mundo da dramaturgia, há uma relação feita entre atores e astros ou estrelas (vide “estrela do cinema”). O personagem termina por indicar

que a sua antiga companheira desconhecia as boas-sortes ou felicidades da vida, que diz serem a cabrocha, o luar e o violão. Talvez isso indique que, para o personagem, ela não percebia que a felicidade se encontrava naquilo que os dois já possuíam, naquele barracão invadido pelo luar.

Considera-se que a teoria das combinações conceituais e das redes neurais é autossustentável e possui uma estrutura sólida baseada no fenômeno da mescla - satisfatório ao explicar certos fenômenos cognitivos. Além disso, as redes neurais pareceram de fato existir. No entanto, existem fenômenos ainda não explicados pela teoria. Por exemplo, muito se diz sobre a metáfora ou alguns componentes das redes neurais, como os frames, por exemplo, não terem natureza linguística. Porém, a teoria não consegue abranger a origem de tais fenômenos. Para que se consiga responder a questões como essa, uma unificação da teoria se faz necessária.

3 PRAGMÁTICA, COGNIÇÃO E RELEVÂNCIA

Durante o capítulo 2, a noção de metáfora foi sendo estudada, sobretudo por uma perspectiva semântica, por meio da explanação sobre a composição de uma estrutura metafórica e da sua natureza conceitual. A discussão tem o objetivo de retirar o fenômeno do âmbito retórico e realocá-lo no campo das ciências cognitivas. Sob essa perspectiva, o trabalho de Lakoff e Johnson (1985) é particularmente notável e, não por acaso, foi escolhido como pilar central do primeiro capítulo, e como responsável por nortear a linha de raciocínio da escrita. O trabalho de Lakoff e Johnson (1985) revigorou a discussão de metáfora na linguística cognitiva e a partir da proposta da CTM diversos outros trabalhos foram escritos.

Fauconnier e Turner (1998; 2008), por exemplo, propuseram a Teoria da Mescla Conceitual, que explica mais detalhadamente como funcionaria um mecanismo cognitivo de interpretação de metáforas. Entretanto, optei por abordar a metáfora sob um viés que apresenta contraste em relação às ideias propostas pela CTM. Neste presente capítulo me proponho a dissertar a respeito da metáfora sobre a visão da Teoria da Relevância e, por extensão, da pragmática.

Levinson (1983) afirma que a pragmática pode nos fornecer *insights* interessantes sobre metáfora, por entender que metáforas têm raízes contextuais. O autor afirma que *“a metáfora é central não apenas na poesia e, na verdade, numa grande parte no uso linguístico comum, mas também em domínios tão diversos quanto a interpretação dos sonhos e a natureza dos modelos no pensamento científico”* (p.183). Por estar presente em âmbitos nos quais a âncora contextual é válida, uma abordagem pragmática sobre o fenômeno – e se de fato é um fenômeno distinto – tem algo a acrescentar para a discussão. Levinson constrói sua argumentação sobre pontos falhos deixados por abordagens semânticas a respeito do assunto, utilizando como ponto de partida a perspectiva de Grice (1975) sobre metáforas. Vamos dar uma breve olhada na perspectiva Griceana antes de prosseguir com a discussão.

Clark (2013) afirma que Grice entende metáforas como sendo não literais e caracterizando uma violação da máxima⁷⁸ de qualidade. Consideremos:

(1) Clarice é uma galinha.

(2) Kimi Raikkonen é um homem de gelo.

(3) Junior Urso é um trator.

As três frases são metafóricas porque Clarice é humana e não literalmente uma galinha, Raikkonen é homem de carne e osso e não literalmente de gelo e, Junior Urso, ex-jogador do Coritiba Football Club, não é literalmente um trator, mas sim um jogador de futebol. As frases se tornam, portanto, uma violação da máxima de qualidade: “*O ouvinte percebe que o que é dito é descaradamente falso e procura por uma implicatura relacionada que seja verdade*”⁷⁹ (CLARK, 2013, p. 264).

Entendendo essa perspectiva de metáfora, Levinson argumenta sobre por que considerar também uma visão pragmática a respeito da metáfora, desconstruindo duas vertentes semânticas que abordam o assunto. Embora essa passagem de Levinson não trate especificamente sobre o embate entre CTM e TR acerca do que está sendo explanado, entendo como fundamental os argumentos do autor para justificar um posicionamento pragmático, fundamentando a discussão do trabalho como um todo. É interessante observar que durante seu texto, Levinson se refere algumas vezes à obra de Sperber e Wilson, referenciando-a como “a ser publicada”.

As contribuições que a TR fez à visão Griceana, composta por uma abordagem metafórica como produto de implicaturas fracas e, em sequência, metáforas e conceitos *ad hoc*, considerada como a visão contemporânea de metáforas e TR, serão abordadas em seguida.

A semântica aborda a metáfora, de maneira geral, sob dois aspectos:

⁷⁸ As máximas básicas de Grice, segundo Levinson (1983, p. 127) são: “*O principio cooperativo* [...]”; *A máxima de qualidade*: (i) não diga o que acredita ser falso e (ii) não diga coisas para as quais você carece de evidências adequadas. *A máxima de quantidade*[...]; *A máxima de relevância*: faça com que sua contribuição seja relevante; *A máxima de modo*[...]”.

⁷⁹ The hearer notices that what is said is blatantly false and looks for a related implicature, which is true.

- (1) *A teoria da intenação*: As metáforas são usos especiais das expressões linguísticas nas quais uma expressão “metafórica” (ou *foco*) está inserida em outra expressão “literal” (ou *moldura*), de modo que o significado do *foco* interage com o significado da *moldura* e o modifica e vice-versa.
- (2) *A teoria da comparação*: As metáforas são símiles onde as predicções de similaridade estão suprimidas ou apagadas. [...] ⁸⁰
(LENVINSON, 1983, p. 184)

O autor afirma que teorias que se enquadram no caso (1) utilizam a estrutura dos *traços semânticos* para se fundamentarem. Se considerarmos a frase “a pedra morreu”, teremos traços semânticos associados à *pedra* e a *morreu* que definiriam seu sentido. Para *pedra* seria: *objeto não físico, natural, não vivo, mineral, concreto*. Já para *morreu*, segundo o autor, teríamos: processo que apresenta um resultado, a saber, que certa entidade viva x deixa de ser viva.

Pensando agora em “a pedra morreu”, vemos que a sentença não é interpretável segundo seu significado direto, pois *pedra* possui o traço *não vivo*, que contrasta com o significado de *morreu*. Só morre o que primeiro está vivo. Segundo Levinson, “*nesses casos, diz o argumento, um conjunto adicional de regras de interpretação é posto em ação para interpretar a sentença*” (1983, p. 185). Tais regras atuam utilizando um de seus outros traços semânticos para concluir a interpretação. Tendo em vista essa visão, teremos então *a pedra deixou de ser*, ou uma segunda alternativa *a coisa concreta mineral natural viva morreu*.

O autor destaca que teorias que utilizam essa abordagem são interessantes, pois tentam englobar a semântica padrão em processos interpretativos “*como a metáfora, que nem sempre são claramente distinguidos dos processos comuns de compreensão linguística*” (LENVINSON, 1983, p. 186). Porém, essas teorias apresentam algumas falhas durante o processo interpretativo:

Primeiro, parece razoavelmente claro que as supostas leituras das metáforas assim obtidas não são boas paráfrases: o processo de mapear traços é demasiado limitado e demasiado determinado para captar a força metafórica das expressões. Segundo, e de modo mais

⁸⁰ Nesse ponto Levinson faz referência a um exemplo citado previamente no livro, a metáfora “*lago é uma enguia*”, e afirma que a teoria da comparação considera “*lago como uma enguia*” semanticamente equivalente a “*lago é uma enguia*”.

correlato, muitos aspectos dessa força têm mais a ver com atributos *contingentes* e factuais (do mundo real) dos referentes e do foco metafórico do que com traços semânticos que afirmamos que expressam seu significado. (LEVINSON, 1983, p.186)

Por exemplo, se optarmos pela sentença “*Tomás é um tamanduá*”, transmito a ideia de que Tomás é peludo, come formigas com ferocidade ou até que ele é um símbolo para seu país (como tamanduás-bandeira o são). Porém, como aponta Levinson, se algumas dessas características fossem excluídas, ou até todas elas, não alteraria a natureza em questão do componente. Se o tamanduá não comesse formigas, não fosse peludo ou não fosse um símbolo do nosso país, ele ainda sim seria um tamanduá.

Assim, uma parte importante da força de qualquer metáfora parece envolver o que poderíamos chamar de “penumbra conotacional” das expressões envolvidas, o *incidental* em detrimento das características definidoras das palavras e o conhecimento das propriedades factuais dos referentes e, conseqüentemente, o conhecimento do mundo em geral. Todos estes assuntos estão além do âmbito de uma teoria semântica, tal como geralmente é entendida em uma teoria semântica. (LEVINSON, 1983, p.187)

Em (2) Levinson cita como referencial teórico Miller (1979), apontando que a proposta de símiles elaborada por Miller funciona como uma teoria psicológica de como a metáfora é interpretada. É interessante salientar que essa teoria, assim como Lakoff e Johnson (1985), é baseada em conceitos. Embora exista diferença notável entre elas, existem características inerentes às duas que nos trazem comparações interessantes, sobretudo quanto à complexidade que uma teoria conceitual pode adquirir quando se propõe a explicar um fenômeno como a metáfora.

Levinson cita três tipos de metáforas: **metáforas nominais**, **metáforas predicativas** e **metáforas sentenciais**. O principal questionamento aqui é como é feita a atribuição de sentido para a metáfora. Há um papel inferencial claro para interpretação de metáforas sob a perspectiva de símiles, como pode ser observado na proposta de interpretação de **metáforas nominais**, que são metáforas comparativas com forma “SER (x, y)”, como no exemplo “João é um leão”.

SER (x, y) + > $\exists F \exists G$ (SIMILAR(f (x), G (y))) isto é, as metáforas do tipo x e y são interpretadas como: “há duas propriedades F e G tais

que x ter a propriedade F como y ter a propriedade G” (LEVINSON, 1983, p.189)

Metáforas desse tipo não caracterizam, portanto, uma comparação efetiva entre “x” e “y”, mas entre duas proposições, “x” seria (F) e “y” seria (G). Então caberia ao ouvinte inferir quais atribuições seriam atribuídas a quais proposições. Por exemplo, a metáfora “*João é um leão*” é codificada como “a característica feroz de João em situações complicadas é como a característica feroz de leões quando se sentem ameaçados”.

Em seguida, são apresentadas as **metáforas predicativas**, como “a *Sra. Gandhi foi em frente a todo vapor*”⁸¹, funcionam conceitualmente como G(x) ou G(x, y). Para essa interpretação é necessária a formulação de um símile mais complexo que o primeiro:

$G(x) + > \exists F \exists y$ (SIMILAR (F(x), (G(y))) isto é, metáforas do tipo xGs (isto é, com predicados metafóricos) são interpretadas como: “há uma possibilidade F e uma entidade y tal qual que x fazer F é como y fazer G”. (LEVINSON, 1983, p.190)

Para essa interpretação é necessária a construção de outro predicado e outra entidade, assim tendo duas proposições a serem comparadas. Criando, portanto, símiles como: “a *Sra. Gandhi está fazendo algo que é como avançar a pleno vapor*” e “o *avanço da Sra. Gandhi nas eleições é como um navio que avança a pleno vapor*”.

Por fim, Levinson discorre sobre um terceiro tipo de metáfora, as **metáforas sentenciais**. Essas metáforas não violam a máxima de qualidade de Grice. Como exemplo, é citado um diálogo entre duas pessoas. A primeira pessoa pergunta: “*em que estado você encontrou o chefe hoje?*”, e a resposta é: “*o leão rugiu*”. Essa sentença é interpretada como G(y), de acordo com a seguinte regra:

$G(y) + > \exists F \exists x$ (SIMILAR (F(x), (G(y))) isto é, dada uma proposição irrelevante y faz G interprete-a como: Há uma outra propriedade F e uma outra entidade x tais que a proposição ‘k faz F’ é similar a ‘y faz G’ (e ‘x faz F’ é relevante para o discurso) (LEVINSON, 1983, p.190)

⁸¹ Essa metáfora e as seus símiles correspondentes são referenciados de LEVINSON (1983, p. 190).

Temos, portanto, as seguintes interpretações: “o rugido do leão é como alguma coisa fazendo alguma coisa” e, mais contextualmente, “o rugido do leão é como a manifestação da raiva do chefe”.

A teoria de Miller descreve três regras para a interpretação de metáforas. Levinson aponta como principal problema a atribuição de valor para cada incógnita das fórmulas e, sobretudo, como passamos de formas vagas para formas mais específicas, nos casos das metáforas **predicativas** e **sentencias** entre as primeiras e segundas possibilidades descritas. Por fim, esta teoria parece sofrer do mesmo problema metodológico de Lakoff e Johnson (1985): cria-se uma teoria com regras, no caso de Miller, ou um mecanismo, como a CTM, com bases conceituais com o objetivo de explicar como as metáforas são interpretadas, porém as teorias acabam se tornando complexas e por muitas vezes ganhando um tamanho desproporcional em relação ao que foi proposto. A metáfora é um fenômeno interessante de ser estudado, pois ela tem um papel de destaque nas relações entre linguagem e pensamento – ou pelo menos aparenta ter, e, nesse caso, o estudo dela se volta para a pergunta do por que ela se destaca nessa relação – porém, a argumentação de Lakoff e Johnson (1985) que defende que nosso pensamento tem bases conceituais metafóricas é um passo muito grande a ser dado no âmbito da linguística. Defender um sistema conceitual essencialmente metafórico resulta em uma série de consequências teóricas que a CTM não tem capacidade estrutural de lidar. Como colocado por Pinker:

O pensamento não pode negociar diretamente com as metáforas. Tem que negociar com uma moeda mais básica que capte os conceitos abstratos compartilhados pela metáfora e por seus temas – o progresso na direção de uma meta em comum no caso de viagens e relacionamentos, o conflito em caso de discussões e guerras –, ao mesmo tempo se livrando das partes irrelevantes. (PINKER, 2008, p. 288)

Pinker salienta que existem evidências que refutam a proposta da CTM. Como exemplo, o psicólogo cita a pesquisa de David Kemmer (2005), que apresenta um estudo sobre pacientes com danos em capacidades cerebrais. A pesquisa relata pacientes que perderam a capacidade de entender certas preposições relacionadas a espaço, como “*she sat in a corner*” ou “*she ran through the forest*”. Porém, a capacidade de entender as preposições

relacionadas a tempo “*she arrived at 1:30*” e “*she worked through the evening*”⁸² não foram perdidas. Outros pacientes demonstraram o resultado inverso, ou seja, entediam preposições relacionadas a espaço e não as indicativas de tempo. Segundo Pinker, esse fato indica que tempo e espaço trabalham em áreas diferentes do cérebro, contudo ainda mantém uma relação metafórica. Caso o conceito estivesse entrelaçado, ocorreria algum tipo de ruído na interpretação das preposições.

A abordagem semântica para a metáfora deixa brechas teóricas suficientemente grandes para que uma abordagem pragmática seja necessária. A interpretação da metáfora depende necessariamente, com mais ou menos peso, da interpretação contextual da relação entre falante e ouvinte. Ainda que Lakoff e Johnson tenham qualificado o fenômeno metafórico como cognitivo-social, abraçando em sua teoria o peso contextual, existem várias observações a serem feitas a respeito da CTM, em especial o caráter essencialmente metafórico de nosso sistema conceitual.

Uma proposta pragmática para metáfora não necessariamente se propõe a resolver problemas gerados por teorias semânticas. O que a pragmática tem a oferecer é uma perspectiva diferente do assunto. Como contrapartida à CTM, “*uma teoria da metáfora envolverá crucialmente a intromissão de uma capacidade cognitiva muito geral [...] na estrutura e no uso da língua*” (LEVINSON, p. 200, 1983) e, a partir disso, propor a interpretação de metáforas como fenômenos emergentes da comunicação ordinária.

3.1 COGNIÇÃO

Existem diferentes propostas e teorias que explicam cognição sobre variados pontos de vista. Entretanto, todas elas convergem em uma direção: “*o pressuposto de que a cognição tem a ver com o pensamento*”⁸³ (CLARK, 2013, p. 91). Portanto, atos como se lembrar de algo, planejar, pressupor, avaliar, são processos cognitivos. A TR, sobre vários aspectos, abraça a visão de Fodor (1975, 1983) de que o pensamento humano é *language-like*, também

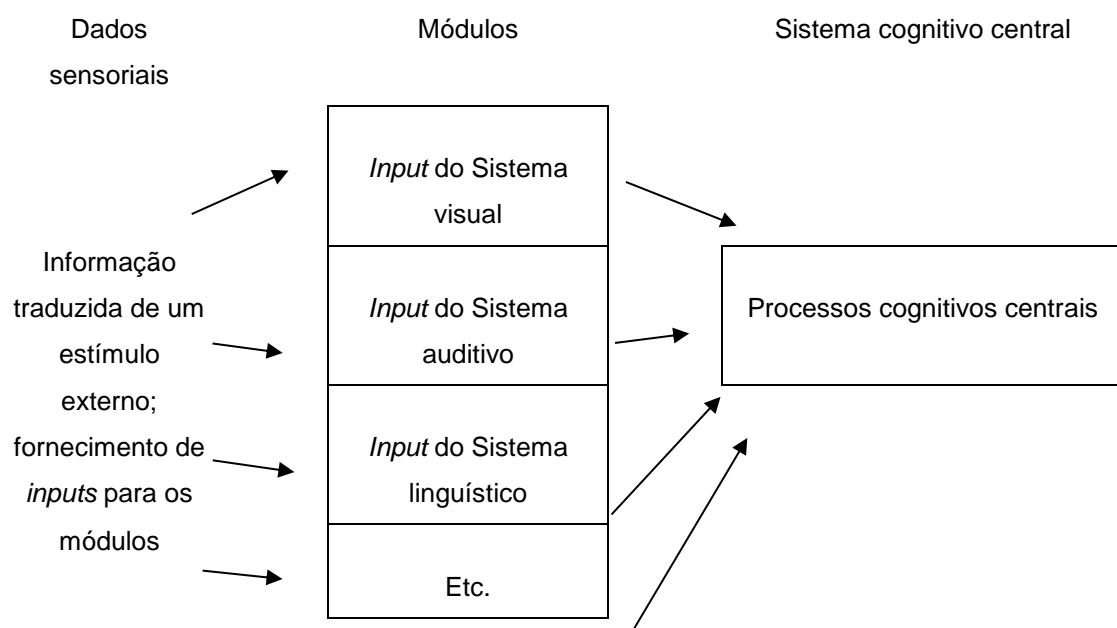
⁸² Ela está em um canto, ela correu pela floresta, ela chegou à 1:30, ela trabalhou a noite inteira. (PINKER, 2008, p. 289). Neste caso, optei por deixar as traduções na nota de rodapé pelo fato das preposições serem as mesmas em inglês, porém diferirem em português.

⁸³ The assumption that cognition has to do with thinking.

como a ideia metafórica de que nosso sistema cognitivo funciona como um computador, com capacidade de processar, armazenar e trocar informações entre diversos compartimentos, ou módulos. Cada módulo é especializado em uma função diferente (visual, auditiva, linguística, etc.), com o principal objetivo de nos auxiliar a produzir representações de mundo baseadas em *inputs* recebidos pelo sistema cognitivo.

Esse sistema capta inputs de módulos especializados, os transforma e enriquece e, em seguida, os repassa para um sistema central. Por sua vez, o sistema central é responsável por computar representações conceituais e, oriundo desse processo, ocorre o “pensamento”.

FIGURA 6 – SISTEMA MODULAR



FONTE: O AUTOR

A figura acima demonstra de forma simplificada como funciona o processo de computação de um *input* pela mente. Os módulos são responsáveis por entregar representações conceituais para o sistema cognitivo central, que, por sua vez, utiliza essas informações para realizar processos

cognitivos gerais. A teoria de Fodor (1975; 1983) descreve como a computação de *inputs* funciona e como os mecanismos cognitivos existentes em nossa mente os processam nos módulos para o sistema cognitivo central. Uma das principais funções deste modelo é criar um sistema de imagens conceituais e tentar manter esse sistema o mais alinhado possível em termos de como ele representa o mundo. Na prática, a mente funciona de maneira a nos possibilitar a captação de informações úteis no momento. Como postulado por Clark:

Se algo perigoso aparece no meu ambiente, é importante que eu a note como o objetivo de evitá-la. Se algo desejado apareça, é importante que eu note com o objetivo de tirar vantagem. E por aí vai. Se isso estiver correto, então faz sentido que nossa mente se organize de maneira a pinçar as novas informações importantes.⁸⁴ (Clark, 2013, p. 96)

Portanto, é possível afirmar que nossa cognição está atuando de modo a, constantemente, procurar informações relevantes, com efeitos significativos para os *inputs* e informações que estão sendo processadas. Há, porém, uma diferença entre uma expectativa geral de relevância de ordem cognitiva e a expectativa de relevância gerada pelo nosso comportamento comunicativo.

3.2 COMUNICAÇÃO

A Teoria da Relevância se propõe como uma alternativa ao modelo de código da comunicação humana. Segundo o modelo de código, a comunicação ocorre por meio de processos de codificação/decodificação de informações. De tal modo, o processo comunicativo se daria de acordo com a replicação da informação entre interlocutores. Desta forma, esse modelo ignora a criatividade inerente à ação interlocutora. Além disso, seres humanos contemporâneos vivem em ambientes saturados de subsídios potencialmente comunicativos. A todo instante, os indivíduos são expostos a uma infinidade de informações e concentram-se nos estímulos considerados mais relevantes. Esse fato é resultado da evolução da cognição que, para aumentar sua eficiência, concentra-se nas informações mais relevantes num dado contexto.

⁸⁴ If something dangerous appears in my environment, it is important that I should notice it in order to avoid it. If something desirable appears, it is important that I notice it in order to try to take advantage of it. And so on. If this is on the right lines, then it makes sense that our minds are organized in such a way as to pick up on important new information.

A TR vê a comunicação humana como um processo ostensivo inferencial. O nome duplo representa uma comunicação que leva em conta dois pontos de vista: o do falante e o do ouvinte. O ato ostensivo se caracteriza pela ação de se fazer notar, chamar a atenção. Portanto, na comunicação ele representa o ato de intencionalmente se comunicar, chamar a atenção para o fato de que existe comunicação. E, sobre esse ato ostensivo, são feitas inferências sobre a elocução.

Por exemplo: uma mãe e seu filho conversam sobre trivialidades na hora do almoço. Dentre outras coisas, a mãe faz o seguinte comentário:

Mãe: Eu gosto muito de frango com polenta, é uma pena que dê tanto trabalho e faça tanta sujeira. Hoje, passei a manhã toda misturando água com fubá e cozinhando frango.

Filho: Mas é a melhor comida do mundo!

Mãe: Mas e agora, o que você vai fazer?

Filho: Agora vou dormir um pouco.

Ao ouvir a primeira fala de sua mãe, o adolescente entende como um comportamento ostensivo, e faz inferências sobre a elocução, como: ela está cansada de tanto cozinhar, pois realmente dá trabalho; ela quer que eu a faça uma massagem; ela quer que eu lave a louça; ela simplesmente quer desabafar sobre como foi a sua manhã. Em seguida, a mãe dá mais uma pista sobre o que quer comunicar, e o filho mais uma vez faz inferências sobre a fala de sua mãe, como: minha mãe quer saber se eu vou estudar, sair ou dormir; minha mãe quer que eu a ajude com algo; minha mãe quer continuar conversando comigo.

Então, após tirar seu cochilo, o adolescente entra na cozinha e sua mãe está parada olhando para ele. Ela faz cara feia, olha para a pia cheia de louça suja e olha para ele mais uma vez. Então, o filho vai imediatamente lavar a louça. O comportamento da mãe de olhar para o filho é ostensivo, salientando que há a intenção de se comunicar com o adolescente. O filho, por sua vez, ao ver a ação da mãe conclui que existe a intenção de comunicação com ele e, por meio de pistas conceituais, faz inferências sobre o que sua mãe está tentando comunicar. No caso, após todos os diálogos, pela cara dela e para

onde ela está olhando, ele conclui que existe uma ordem por parte de sua mãe: “lave essa louça!”. Em seguida, muito inteligentemente, o adolescente obedece e vai lavar a louça. Quanto mais pistas conceituais, menos possibilidades inferenciais surgem da elocução, embora no caso, o filho tenha deliberadamente escolhido ignorar algumas inferências em prol de outras – lavar a louça por dormir – até que sua mãe tenha deixado definitivamente clara sua intenção.

3.3 PRINCÍPIOS DA RELEVÂNCIA

A TR baseia-se em dois princípios gerais sobre o papel da relevância na cognição e na comunicação, segundo Sperber e Wilson (2004):

(1) **Princípio cognitivo da relevância: a mente tende a maximizar nossas expectativas de relevância** – de acordo com esse princípio, a mente busca obter a maior quantidade de informações válidas com menor esforço de processamento, tanto quanto for possível. Assim, quando um indivíduo avista um céu nublado infere que em breve irá chover, e, dessa forma, ele não está decodificando nenhuma informação, mas sim utilizando seu conhecimento de mundo da maneira mais eficaz, dados os contextos nos quais ele está inserido.

(2) **Princípio comunicativo de relevância: cada enunciação carrega em si sua presunção de relevância ótima** – já esse princípio diz respeito ao reconhecimento das intenções comunicativas do falante pelo ouvinte. Dessa maneira, não é necessário considerar que o comportamento comunicativo está atrelado ao Princípio de Cooperação, postulado por Grice (1975). Ou seja, embora enunciados possam ser vagos, ambíguos ou indiretos, a capacidade de se fazer inferências não está ancorada em nenhuma espécie de noção contratual, mas sim por meio do que se pode chamar de uma relação de espelhamento cognitivo (DASCAL, 1983). Segundo esse viés, a enunciação é uma das evidências dos estados mentais dos falantes. A comunicação se dá em cima desse *background* cognitivo.

Assim, pode-se resumir relevância em termos de comparação de esforços e benefícios, pois há “*uma tendência de utilizar o mínimo de esforços*

para obter o máximo de relevância. Os procedimentos de compreensão à luz da relevância predizem que um ouvinte não utiliza energia desnecessária. ” (BENFATTI, 2010, p. 88). Dessa forma, se interpretar uma sentença demanda um esforço excessivo – como uma sentença prolixa, por exemplo – e os benefícios obtidos com a compreensão desse enunciado forem menores que o esforço empregado, a concentração na busca do significado é interrompida.

O objetivo desse capítulo é entender como a Teoria da Relevância lida com a metáfora. Existe uma diferença fundamental em relação à perspectiva pragmaticista: a metáfora não é vista como elemento central para a TR, mas faz parte de um sistema cognitivo regido pela relevância. Sobre essa diferença entre perspectivas, Wilson comenta:

[...] metáforas linguísticas são tratadas como reflexos da superfície subjacente de mapeamentos conceituais entre diferentes domínios humanos (por exemplo, os domínios de relações amorosas e viagens, teorias e edifícios, discussões e brigas), e têm as suas raízes na cognição em vez de comunicação. Teóricos de relevância, por outro lado, argumentam que a metáfora surge naturalmente na comunicação linguística, como a linguagem é vagamente usada em uma tentativa de transmitir pensamentos complexos, que podem ser vagos, mas não precisam necessariamente ser eles próprios metafóricos.⁸⁵ (WILSON, 2010, p. 41).

De acordo com a TR, as metáforas são interpretadas assim como as sentenças literais, hipérboles, metonímias, etc. Não há um mecanismo específico que se aplique à decodificação das metáforas. Para a TR, os ouvintes compreendem metáforas utilizando pistas linguísticas e contextuais para criar novos conceitos *ad hoc*. Esse novo conceito não é idêntico àqueles utilizados na palavra ou frase metafórica, mas herda algumas de suas propriedades inferenciais. Wilson (2010) argumenta que, dessa forma, pode-se supor que o uso repetido das metáforas que ligam itens de domínios cognitivos diferentes pode configurar padrões de ativação conceitual semelhantes aos

⁸⁵ [...]linguistic metaphors are treated as surface reflections of underlying conceptual mappings between different human domains (e.g. the domains of love affairs and journeys, theories and buildings, arguments and fights), and have their roots in cognition rather than communication. Relevance theorists, on the other hand, have argued that metaphor arises naturally in linguistic communication, as language is loosely used in an attempt to convey complex thoughts which may be vague, but need not themselves be metaphorical [...]

que a linguística cognitiva chama de característica conceitual da metáfora. Mais profundamente:

[...] muitas culturas têm um conjunto de metáforas de flores (por exemplo, margarida, lírio, violeta, rosa), que são tipicamente aplicados para as mulheres. A partir de uma perspectiva da linguística cognitiva, essas metáforas linguísticas podem ser vistas como reflexos [...] da metáfora conceitual [...] “mulheres são flores”, com base em correspondências sistemáticas entre os domínios de mulheres e flores. A partir de uma perspectiva da teoria da relevância, essas metáforas linguísticas seriam vistas como originárias de usos criativos da linguagem para fins comunicativos oportunistas, que, se repetidas muitas vezes, podem resultar na criação de correspondências sistemáticas entre os domínios de mulheres e flores.⁸⁶ (WILSON, 2010, p. 43).

A visão pragmática das metáforas tem como objetivo demonstrar como os ouvintes reconhecem o significado pretendido de uma sentença metafórica em um contexto. Para a TR: “[...] *metaphors originate as loose uses of language, in which a word or phrase is used to communicate a novel ad hoc concept which is broader (more general) than the encoded lexical meaning*”.⁸⁷ (WILSON, 2010, p. 43).

Uma metáfora do português brasileiro é: “João é um banana”. O significado lexical do termo banana é: fruto da bananeira. Entretanto, quando alguém enuncia tal sentença quer utilizar o conceito *ad hoc* “banana”(*), mais amplo, que se aplica a pessoas que podem compartilhar algumas propriedades do fruto (como a consistência pouco firme de sua polpa, por exemplo). “Banana”(*) tem como implicatura um indivíduo mole, covarde ou sem iniciativa. É importante ressaltar que quando escutamos essa metáfora, fazemos uso tanto dos nossos conhecimentos lexicais quanto dos significados *ad hoc* para

⁸⁶[...] many cultures have a set of flower metaphors (e.g. daisy, lily, violet, rose) which are typically applied to women. From a cognitive linguistics perspective, these linguistic metaphors might be seen as surface reflections of an underlying conceptual metaphor WOMEN ARE FLOWERS, based on systematic correspondences between the domains of women and flowers. From a relevance theory perspective, these linguistic metaphors would be seen as originating in creative uses of language for opportunistic communicative purposes, which, if repeated often enough, might result in the setting up of systematic correspondences between the domains of women and flowers.

⁸⁷ “[...] metáforas se originam de usos enfraquecidos da língua, nos quais uma palavra ou frase é usada para comunicar um novo conceito *ad hoc* que é mais amplo (mais geral) que o significado lexical codificado”.

satisfazer nossas expectativas de relevância. Em “*João é um banana*”, o significado lexical é pouco provável, pois o conceito *ad hoc* tem o significado estabelecido no uso cotidiano da expressão.

A metáfora “*João é uma porta*” tem como implicatura uma pessoa tola, estúpida, inflexível, a quem falta inteligência. O significado lexical do termo “porta” é um objeto maciço, inanimado, que serve de entrada ou saída para um recinto. O conceito *ad hoc* “porta”(*) comunica um significado ampliado, em que o uso de uma palavra é mais geral que o seu sentido lexical. Ele pode ser aplicado tanto a um objeto quanto a pessoas que compartilham algumas propriedades enciclopédicas de porta (algo ou alguém inerte, que não pensa, que não tem capacidade de adaptação).

Não é possível enunciar que “*João é um banana*” com a sentença “*João é uma porta*”. Os significados de cada um dos enunciados estão consolidados no uso comunicativo e são diferentes. Assim, para o viés relevantista:

O tratamento da metáfora por parte da Teoria da Relevância é parte de uma abordagem geral para a pragmática lexical que é baseada nos seguintes pressupostos. Em primeiro lugar, o significado lexical de uma palavra é simplesmente uma pista para o significado do falante e o conceito comunicado pelo uso da palavra normalmente difere do sentido lexical. Em segundo lugar, a metáfora é apenas uma das muitas maneiras em que o significado lexical pode ser modificado em uso. O conceito comunicado pelo uso de uma palavra pode ser mais estreito (mais específico) ou amplo (mais geral) que o significado lexical [...]. Em terceiro lugar, há um *continuum* de casos de ampliação, que vão desde o uso literal até vários graus de aproximação de hipérbole e metáfora [...]. Em quarto lugar, todos esses casos são interpretados da mesma forma: não há princípios pragmáticos ou mecanismos especiais que se aplicam apenas às metáforas. [...].⁸⁸(WILSON, 2010, p. 44).

Dessa forma, as metáforas receberam grande atenção por parte dos estudos da linguística cognitiva, enquanto que a hipérbole nunca foi analisada com a mesma profundidade. Segundo a Teoria da Relevância, não há uma

⁸⁸ Relevance theory's treatment of metaphor is part of a more general approach to lexical pragmatics which is based on the following assumptions. First, the lexical meaning of a word is merely a clue to the speaker's meaning, and the concept communicated by use of a word typically differs from the lexical meaning. Second, metaphor is just one of many ways in which lexical meanings can be modified in use. The concept communicated by use of a word may be narrower (more specific) or broader (more general) than the lexical meaning [...]. Third, there is a continuum of cases of broadening, ranging from strictly literal use, through various shades of approximation to hyperbole and metaphor [...]. Fourth, all these cases are interpreted in the same way: there are no special pragmatic principles or mechanisms that apply only to metaphors. [...]

linha de divisão clara entre hipérboles e metáforas. A abordagem interpretativa das frases metafóricas também pode ser aplicada para a compreensão das hipérboles. Wilson (2010) exemplifica essa situação com três sentenças: “*John is a giant*”. “*John is as tall as the Eiffel Tower*”. “*John is incredibly tall*”.⁸⁹

Segundo a autora, alguns teóricos tratam a hipérbole como um fenômeno que envolve um aumento de quantidade em uma dimensão. Nos casos citados, é a altura. Já a metáfora envolveria uma mudança qualitativa: atribuir ao John propriedades não diretamente ligadas à altura. Assim, “*John é um gigante*” pode ser tanto uma hipérbole quanto uma metáfora, já que pode indicar um indivíduo extremamente alto ou alguém que se destaca por outra razão, como por exemplo, seu campo de atuação profissional: *Pelé foi um gigante do futebol*.

[...] há um gradiente entre os dois tipos de caso, com aumentos de quantidade em uma única dimensão que levam a uma mudança qualitativa. [...] Todos os três enunciados ativam pensamentos sobre a altura de João não ser meramente humana, mas sobre-humana, e eles carregam implicações para outras propriedades que não simplesmente sua altura. Assim, a hipérbole se nublava imperceptivelmente em uma metáfora, que não pode ser reduzida a um dispositivo ornamental com pequena ou nenhuma importância cognitiva.⁹⁰ (WILSON, 2010, p. 46).

Dessa forma, um mesmo enunciado pode ser compreendido de diversas maneiras e sua interpretação correta é altamente ligada ao contexto. Wilson (*Ibidem*) exemplifica tal situação com a sentença: “*the audience slept through the lecture*”⁹¹.

Há quatro formas distintas de se compreender o enunciado acima. A primeira maneira é a literal, ou seja, os membros da plateia dormiram durante a palestra. A segunda é uma aproximação na qual os espectadores não estavam literalmente dormindo, mas sim a ponto de cair no sono. A terceira seria uma hipérbole: a plateia não estava dormindo ou a ponto de dormir, mas sim

⁸⁹ João é um gigante. João é tão alto quanto à Torre Eiffel. João é incrivelmente alto.

⁹⁰ [...] there is a gradient between the two types of case, with increases in quantity along a single dimension ultimately leading to a qualitative change. [...] all three utterances activate thoughts of John's height as being not merely human but superhuman, and these carry implications for other properties than simply his height. Thus, hyperbole shades off imperceptibly into metaphor, and is not reducible to an ornamental device with little or no cognitive significance

⁹¹ A plateia dormiu durante a palestra.

num estado físico de sonolência. A quarta possível interpretação é uma metáfora: o público estava extremamente desinteressado, apático e a palestra foi tediosa.

De acordo com a autora, a flexibilidade e a dependência do contexto para a interpretação de sentenças é um desafio tanto para a teoria da relevância quanto para a linguística cognitiva. O principal objetivo da pragmática é explicar como os ouvintes inferem o significado que o falante pretende comunicar por meio das pistas que são fornecidas tanto pelo enunciado quanto pelo contexto. Assim, a TR procura elucidar como compreendemos enunciados diversos (literais, metáforas, metonímias, hipérboles) por meio de inferências. A seguir, explicarei os passos inferenciais para a compreensão de sentenças metafóricas.

3.4 PASSOS INFERENCIAIS PARA A COMPREENSÃO DE METÁFORAS

Sperber e Wilson (2008) exemplificam a interpretação inferencial de metáforas com a seguinte sentença: “*the surgeon is a butcher*”⁹². A frase evoca a ideia de que o cirurgião é incompetente ou perigoso. Entretanto, essas propriedades não podem normalmente ser associadas a nenhuma das categorias de profissionais citadas: médicos cirurgiões e açougueiros. Assim, a frase só pode ser interpretada corretamente por meio de inferências.

Inicialmente, sabemos que tanto cirurgiões quanto açougueiros cortam carne, mas de maneiras distintas. Os primeiros cortam carne viva com bastante precisão, em pequenas extensões, para evitar danos a partes do corpo não envolvidas na operação. Já os açougueiros cortam pedaços de carne morta que serão preparados para a alimentação: não há restrição sobre o quanto deve ser cortado e nem preocupações sobre danos a nervos, tendões, etc. Assim, um cirurgião que trata a carne humana como um açougueiro é incompetente e perigoso.

O caminho inferencial para uma compreensão adequada da sentença envolve a compreensão da forma como açougueiros tratam a carne. Assim,

⁹² O cirurgião é um açougueiro.

constrói-se um conceito *ad hoc* de “açougueiro”(*): pessoas que manipulam carne como açougueiros. Para um profissional açougueiro ser um “açougueiro”(*) é um pleonasmo; já para um cirurgião, tal propriedade implica uma incompetência de alto grau. Assim, essa metáfora pode ser vista também como uma hipérbole.

A partir da análise de Sperber e Wilson (2008), podemos também fazer o caminho inferencial da metáfora “*Ponte Preta 0 x 4 Corinthians: cirúrgico e impiedoso!*”⁹³. Primeiro, constrói-se o conceito *ad hoc* “cirúrgico”(*), indicando algo ou alguém que age com muita precisão e cuidado, assim como um cirurgião quando está operando. Essa característica não é naturalmente associada a um time de futebol, entretanto, por meio desse conceito, pode-se compreender sem maiores problemas que o time do Corinthians foi extremamente competente no jogo contra a Ponte Preta, marcando quatro gols.

Esses casos analisados parecem simples e, de acordo com Sperber e Wilson (2008), são promissores, trazendo um contraste entre uma visão inferencial da metáfora e a visão tradicional de simples associações. Assim, a TR parece responder de maneira satisfatória como os ouvintes não apenas entendem grande parte das metáforas, mas, também, na maioria das vezes, compreendem-nas da forma como o falante planejava, por meio das inferências que os ouvintes encontram nas situações comunicativas. Tanto na linguística cognitiva quanto na TR, o papel da inferência torna-se claro na interpretação das metáforas.

⁹³ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/sp/torcedor-corinthians/platb/2013/04/28/ponte-preta-0x4-corinthians-cirurgico-e-impiedoso/>

4 TEORIA HÍBRIDA DA METÁFORA

Durante os dois capítulos dessa dissertação, foram apresentadas duas diferentes visões sobre metáforas: uma visão derivada de linguistas cognitivos, como Lakoff e Johnson (1985) e Fauconnier e Turner (1998), e outra abordando uma perspectiva pragmática, com foco nos estudos de Levinson (1983) e Sperber e Wilson (1985). Ambas as abordagens são entendidas como contrastantes, pois representam duas perspectivas teóricas diferentes.

Para os cognitivistas, existe um sistema conceitual metafórico e um mecanismo para interpretação de metáforas, e a hipótese com que se trabalha é que as metáforas têm fundamentação neuro-corporal (metáfora corporificada), enquanto que para a TR as metáforas emergem de situações naturais da comunicação diária, fruto de processos inferenciais e de formações de conceitos *ad hoc*. Ambas as teorias são consideradas opostas pelo meio acadêmico, como salientam Tendahl e Gibbs (2008), pois são sustentadas por propostas cognitivas conflitantes:

Cognitive linguistics, with its interest in metaphorical thought, studies entrenched metaphorical mappings, and has done extensive work illustrating the range of meaning correspondences that arise in the source to target domain mappings within conceptual metaphors, for instance. Relevance theory, on the other hand, explores the meanings that arise in specific contexts, and aims to demonstrate how these cognitive effects are constrained by the principle of optimal relevance⁹⁴. (TENDAHL; GIBBS, 2008, p.1839).

Porém, Tendahl e Gibbs (2008) defendem uma abordagem diferente frente às duas perspectivas teóricas. Por se tratarem de visões que encaram a metáfora sobre o aspecto cognitivo, em algum momento o alinhamento das explicações deve ser possível, sobretudo observando os pontos falhos de cada teoria. O objetivo da CTM e da TR são diferentes, portanto uma teoria híbrida que foque em simplesmente unificar as duas visões seria falha, pois perderia o foco. Entretanto, o que Tendahl e Gibbs (2008) propõem é que, ao utilizar os

⁹⁴ A linguística cognitiva, com seu interesse no pensamento metafórico, estuda mapeamentos metafóricos entrenchados, e fez um extenso trabalho ilustrando a variedade de significados correspondentes que surgem na fonte para o alvo de mapeamentos de domínio dentro de metáforas conceituais, por exemplo. A Teoria da Relevância, por outro lado, explora os significados que surgem em contextos específicos, e tem como objetivo demonstrar como esses efeitos cognitivos são limitados pelo princípio da relevância ótima.

trunfos das duas perspectivas para complementar suas falhas existentes, uma abordagem cognitiva híbrida da metáfora se torna possível.

Um dos problemas existentes na CTM é que ela não deixa claro por que algumas metáforas são originadas de uma relação código fonte/domínio alvo e outras não. Para a metáfora conceitual TEORÍAS SÃO PRÉDIOS, por exemplo, formamos algumas relações metafóricas como a *“teoria desmoronou”* ou *“a fundamentação teórica foi construída em torno de experiências corriqueiras”*. Contudo, alguns aspectos de PRÉDIO nunca são mapeados para o domínio alvo. Não é comum utilizarmos metáforas como *“as suas janelas teóricas estão quebradas”* ou *“a pavimentação de dados não foi feita de maneira correta para compor sua argumentação”*.

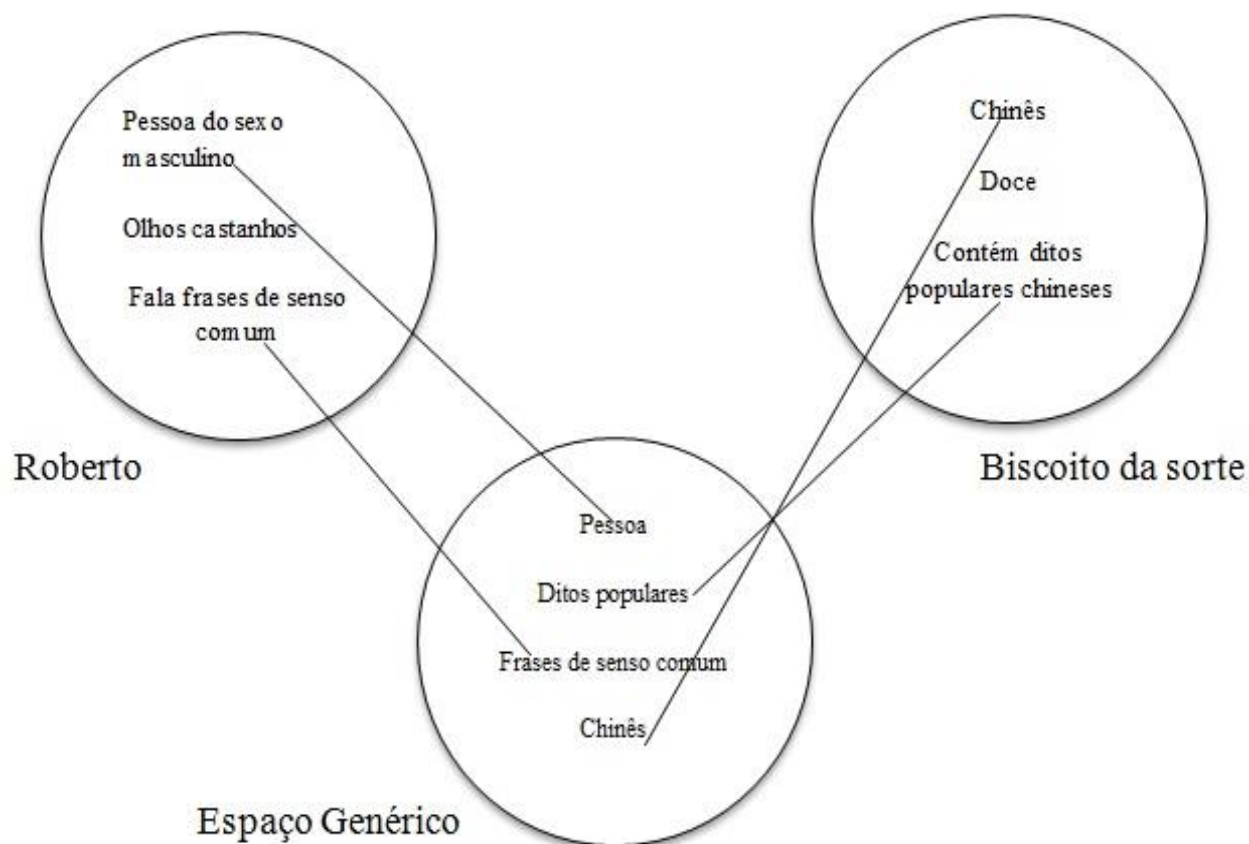
A resposta para esse questionamento, segundo os autores, é que a metáfora conceitual não representa o nível mais básico de mapeamento metafórico existente em nosso sistema cognitivo. Algumas metáforas originais são formadas baseadas na hipótese de metáfora corporificada discutida no segundo capítulo. Essas metáforas originais são responsáveis por consolidar uma estrutura na qual trabalha o sistema conceitual de metáforas, que rege a formação de novas metáforas.

O mesmo problema ocorre com a proposta de Fauconnier e Turner. Como exemplo, proponho a análise da seguinte metáfora não mapeada: ROBERTO É UM BISCOITO DA SORTE.

Essa estrutura remete à metáfora conceitual PESSOAS SÃO COMIDA. Portanto, podemos considerar que a metáfora conceitual PESSOAS SÃO COMIDA serve como um input para o mapeamento da metáfora ROBERTO É UM BISCOITO DA SORTE, assim como também funciona para metáforas como JOSÉ É AMARGO ou LUIZA É GOSTOSA.

O processamento da metáfora se inicia com a mistura de informações de dois espaços mentais, nesse caso das informações de Roberto e de Biscoito da sorte:

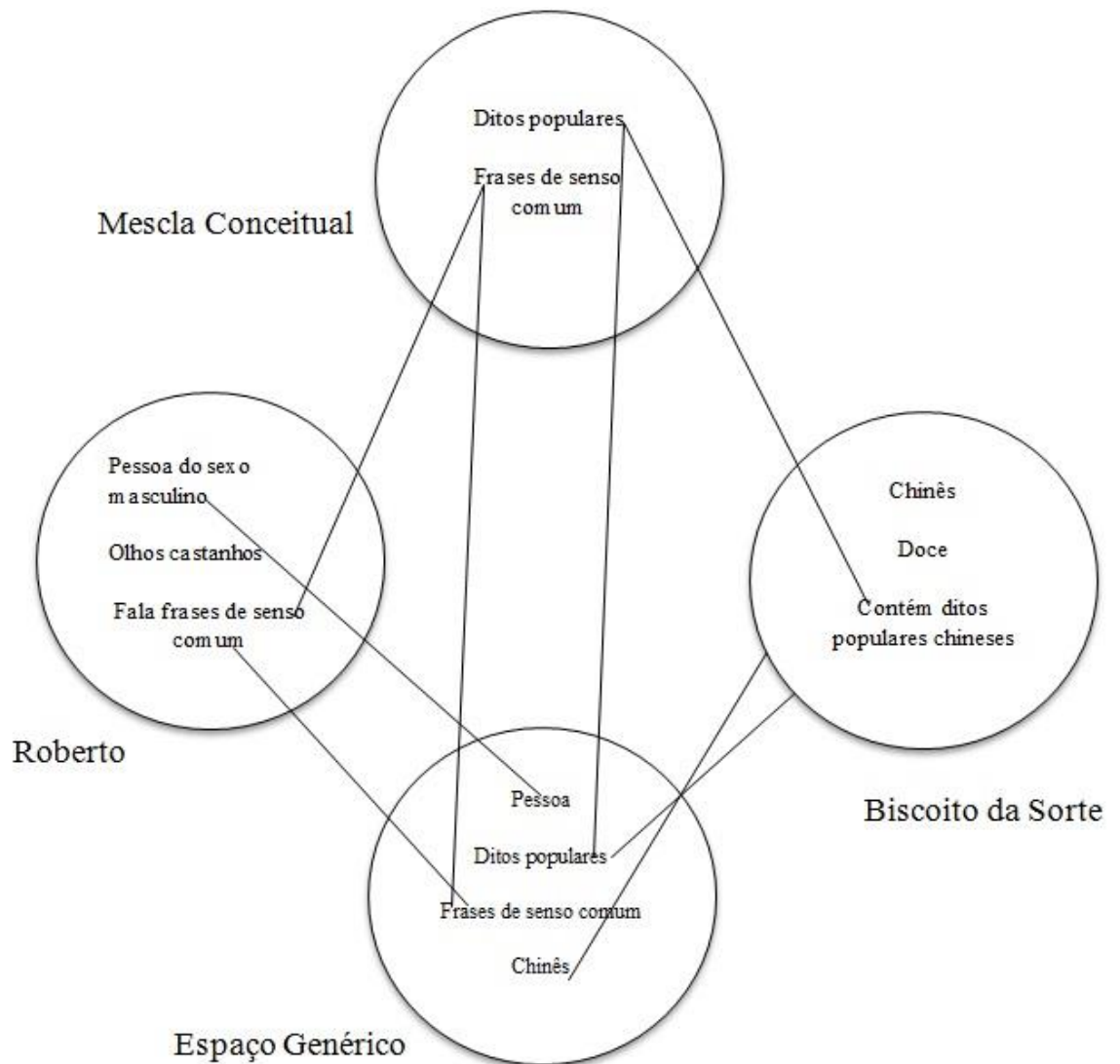
FIGURA 7 – ROBERTO É UM BISCOITO DA SORTE



FONTE: O AUTOR

Existem diversas informações presentes nos compartimentos mentais, porém, por um motivo de espaço, apenas algumas foram listadas nesse exemplo. Após esse processo um quarto espaço é criado, o compartimento da mescla conceitual, que contém a unificação das informações comuns aos demais espaços.

FIGURA 8 – MESCLA DE ROBERTO É UM BISCOITO DA SORTE



FONTE: O AUTOR

Após a criação do compartimento correspondente à mescla conceitual dessa metáfora, pode-se dizer que ela está mapeada. Devido à natureza temporária dos espaços mentais, essa informação não fica cristalizada em nossa mente, porém, como seu significado já foi mapeado, a compreensão dessa metáfora será instantânea. Em outras palavras, depois de mapeada, sempre que se falar que alguém é um biscoito da sorte, se terá o entendimento de que a conversa com tal pessoa é vaga e cheia de frases prontas e ditos populares e enigmáticos que podem se aplicar a praticamente qualquer

situação. Não há nenhum ponto na teoria, entretanto, que se destine a explicar por que essa metáfora não significa “Roberto é chinês”. Sob o aspecto puramente teórico esse perfeitamente poderia ser o significado dessa metáfora, porém não foi isso que eu, como falante, quis dizer quando descrevi sua estrutura.

Olhando para a TR, entretanto, obtemos uma resposta melhor a respeito desse problema. Essa metáfora é compreendida passando pelo mecanismo da relevância, com passos inferenciais que levam à criação de um sistema *ad hoc*, responsável por explicar a interpretação da metáfora em si.

Os autores, porém, entendem que existe um espaço falho entre um conceito codificado e um conceito *ad hoc*. Por exemplo, com a análise da sentença ROBERTO É UM TOURO⁹⁵, tem-se a noção de que Roberto é poderoso, forte, etc. Dentro dessa visão, há duas implicaturas possíveis. A primeira se refere à força física e traduz a noção primária da metáfora. Porém, também é possível derivar desse significado a imagem de que Roberto é uma pessoa emocionalmente forte. Existem, portanto, dois significados para a interpretação da palavra touro: força física e força psicológica.

ROBERTO É UM TOURO* → Roberto é extremamente forte*/Roberto tem uma grande resistência física

ROBERTO É UM TOURO** → Roberto é emocionalmente forte**/A resistência emocional de Roberto é muito grande.

A TR diz que a interpretação dessa metáfora e a “escolha” de sentido é interpretativa e está diretamente ligada à expectativa de relevância do ato. Seria criado um conceito *ad hoc* superordenado que é capaz de cobrir os dois conceitos de forte. Se esse for o caso, o ouvinte teria que criar um conceito mais abstrato de forte que cubra ambas esferas depois de já ter acesso a forte* e forte**, dois conceitos mais específicos. Segundo Tendahl e Gibbs (2008, p.1839), ambos os atributos podem estar “*lexicalizados tanto com o significado*

⁹⁵ A metáfora original utilizada por Tendahl e Gibbs é ROBERT IS A BULLDOZDER. Bulldozer, em inglês, significa escavadeira. No caso do meu texto, preferi escolher a metáfora ROBERTO É UM TOURO.

*físico quanto o significado psicológico*⁹⁶. Entretanto não fica claro como um atributo físico adquire um caráter psicológico.

Nesse ponto, ao observar a CTM, é encontrada uma explicação para esse processo com a metáfora MIND IS A MACHINE⁹⁷. Esse é um exemplo de como as teorias da linguística cognitiva pode contribuir para a descrição da metáfora feita pela TR.

Tendahl e Gibbs vão além e dizem que o mapeamento conceitual tem um papel importante na compreensão da metáfora. A falha de descrição da compreensão do significado metafórico pela TR é o espaço existente entre a motivação para metáfora e a interpretação dela. Segundo os relevantistas, existem implicaturas derivadas da expectativa de relevância. Porém, é possível descrever com mais eficácia a compreensão do significado metafórico se, junto com esses processos, houver o mapeamento oriundo de mesclas conceituais. A mente capta um mapa conceitual, que é analisado de acordo com a expectativa de relevância e o processo cognitivo ocorre. Quando ainda não há o conhecimento prévio sobre a metáfora, há a mescla conceitual que completa o processo. Uma vez mapeada, a metáfora apenas segue os caminhos cognitivos já traçados. A partir desse modelo, é possível crer que apenas podem ser consideradas metáforas aquelas que ainda não foram mapeadas, ou seja, a metáfora criativa/inovadora, pois quando já existe o mapeamento, essa sentença adquire um significado praticamente estável.

⁹⁶ Lexicalized with both a physical and a psychological sense.

⁹⁷ A MENTE É UMA MÁQUINA.

5 CONCLUSÃO

A ideia dessa dissertação era estudar a metáfora sob a visão de duas correntes teóricas diferentes, uma cognitivista, com enfoque na CTM de Lakoff e Johnson (1985) e na teoria da Mescla Conceitual de Fauconnier e Turner (1998), e uma perspectiva pragmática, com enfoque na TR de Sperber e Wilson (1985). Em seguida optei por abordar ainda a Teoria Híbrida da Metáfora, defendida por Tendahl e Gibbs (2008).

A pergunta que eu procurava responder durante grande parte da escrita do meu texto era se a CTM tinha a capacidade de se sustentar como proposta cognitiva frente a TR, e como seria confrontar esses dois modelos de mente, pois eu já não tinha muitas dúvidas a respeito do trato cognitivista em relação à metáfora em si. O meu ponto de vista era que a CTM oferece uma explicação para a estrutura metafórica muito mais sedutora do que a TR. Entretanto, como é de praxe acontecer com dissertações, meu pensamento era um pouco megalomaniaco. Não necessariamente há um grande embate sobre estruturas cognitivas ocorrendo, já que os objetivos das teorias ao abordar a metáfora são diferentes. Foi nesse ponto que eu recorri à Teoria Híbrida de Tendahl e Gibbs (2008):

Nós acreditamos que a atual desconsideração para com perspectivas alternativas em discussões sobre metáfora resulta em teorias um tanto sobre por que pessoas utilizam metáforas na linguagem e pensamento e como o fazem em experiências normais de momento-a-momento ao falar e ao escutar. Nós afirmamos que linguística cognitiva e teoria da relevância são ambas muito necessárias e podem, na verdade, ser integradas extensamente como uma teoria cognitiva da metáfora, até mesmo se restarem diferenças significativas entre esses modelos em um nível teórico mais global.⁹⁸ (TENDAHL, GIBBS, p.1824, 2008.)

A ideia de uma unificação teórica, o que antes não me agradava pelo fato de eu enxergar uma divisão teórica muito clara, pareceu então mais

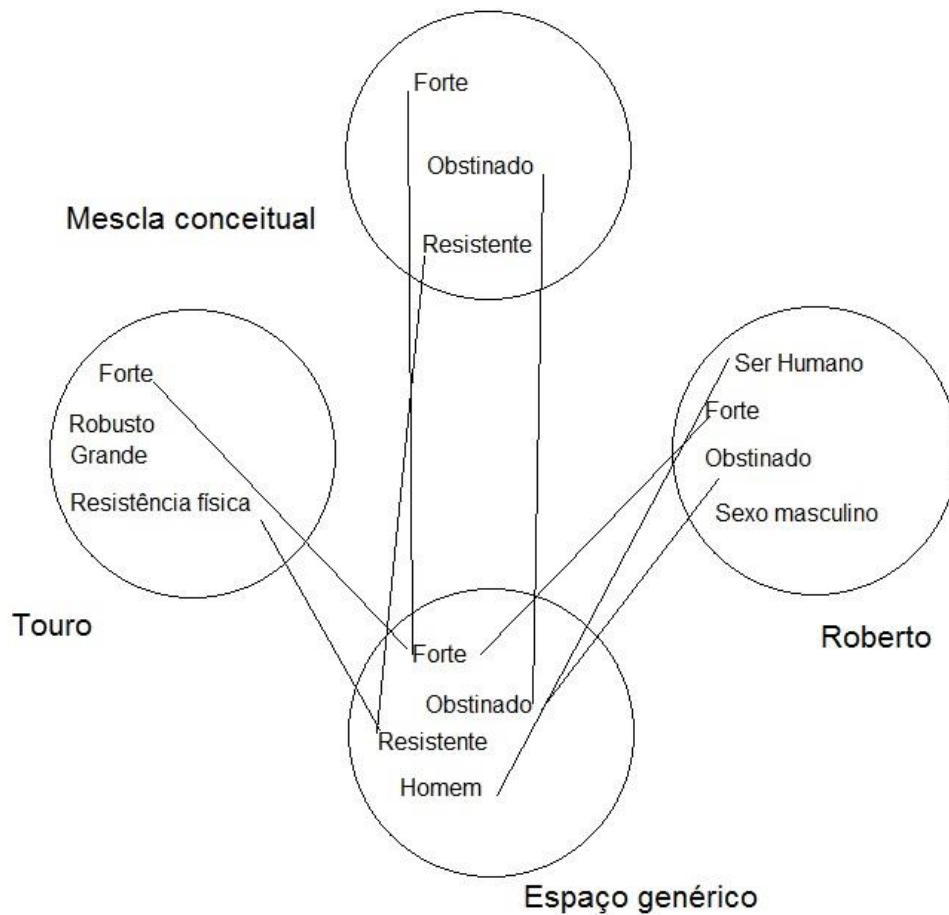
⁹⁸ We believe that the present disregard for the alternative perspectives in discussions of metaphor results in somewhat narrow theories of why people use metaphor in language and thought and how they do so in ordinary moment-to-moment experiences of speaking and listening. We claim that cognitive linguistics and relevance theory are both much needed and can actually be integrated to a large extent as a cognitive theory of metaphor, even if there remain significant differences between these frameworks at a more global theoretical level.

atraente e, mesmo com as diferenças teóricas apontadas pelos dois autores, considere que a teoria tinha uma grande contribuição para esse trabalho.

A argumentação dos autores indica, constantemente, que o grande trunfo da TR é explicar o ambiente comunicativo no qual a metáfora é proferida, mas que é sempre feita a utilização de conceitos gerais estruturados no nosso sistema cognitivo. A discussão gira em torno de como a TR pode auxiliar a composição da teoria cognitiva para a formação de uma teoria geral da cognição metafórica, sobretudo por que os autores entendem como pontos fundamentais que as metáforas representam um fenômeno singular e, muito provavelmente por esse motivo, colocam o mecanismo de mescla conceitual como parte central de sua teoria. O problema principal dessa abordagem é que a TR oferece explicações mais plausíveis da metáfora do que criar um aparato exclusivo para interpretar um fenômeno que não é indiscutivelmente singular.

Sobretudo, o texto de Tendahl e Gibbs (2008) levanta a questão de que o embate teórico ocorre entre como os conceitos são estruturados, para então entender se a metáfora em si representa uma sobreposição de conceitos. As duas correntes oferecem boas explicações a respeito de como se estruturam conceitos. O grande trunfo da CTM é a proposta de cognição incorporada, o que influencia Tendahl e Gibbs na hora de propor sua Teoria Híbrida. Eu não estou aqui argumentando que os conceitos não são metafóricos, ou que a cognição incorporada não acontece, a minha ressalva é que uma metáfora não necessariamente é interpretada com sobreposição de conceitos. Os cognitivistas entendem a metáfora **ROBERTO É UM TOURO** da seguinte maneira:

FIGURA 9 - ROBERTO É UM TOURO

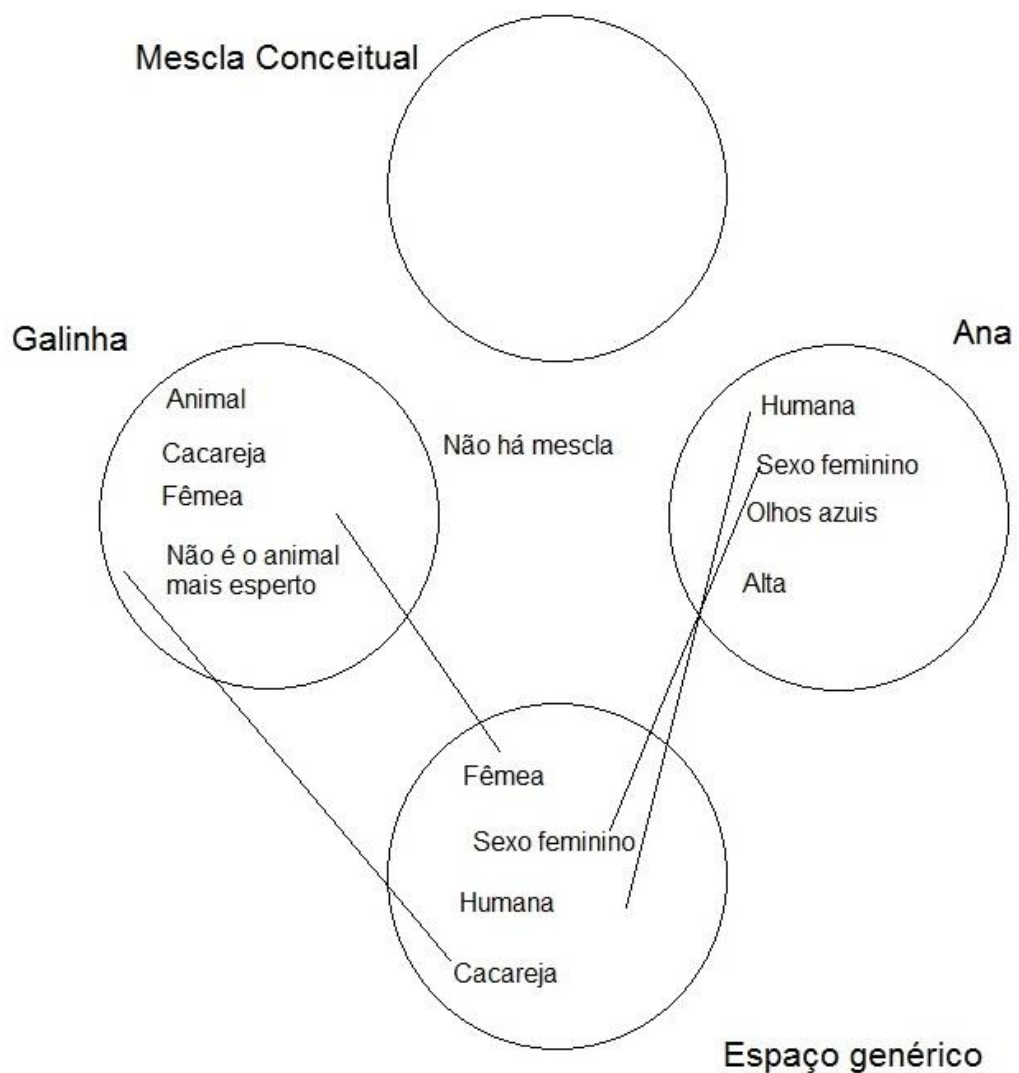


FONTE – O AUTOR

Nesse caso, de fato é visível uma possível sobreposição de conceitos, pois há elementos comuns tanto a ROBERTO quanto a TOURO. Entretanto, nem sempre é possível encontrar elementos semelhantes para os dois conceitos contrastados. Benfatti e Godoi (2013) propõem discutir o mesmo com a metáfora ANA É UMA GALINHA.

Em português brasileiro, essa metáfora significa que a Ana tem um comportamento sexual promiscuo. Se eu utilizar o modelo interpretativo da mescla conceitual que foi utilizado em ROBERTO É UM TOURO para interpretar ANA É UMA GALINHA, o resultado será inconclusivo, pois não há nenhuma característica no conceito GALINHA que seja comum a ANA que resulte na mescla conceitual Ana é promiscua.

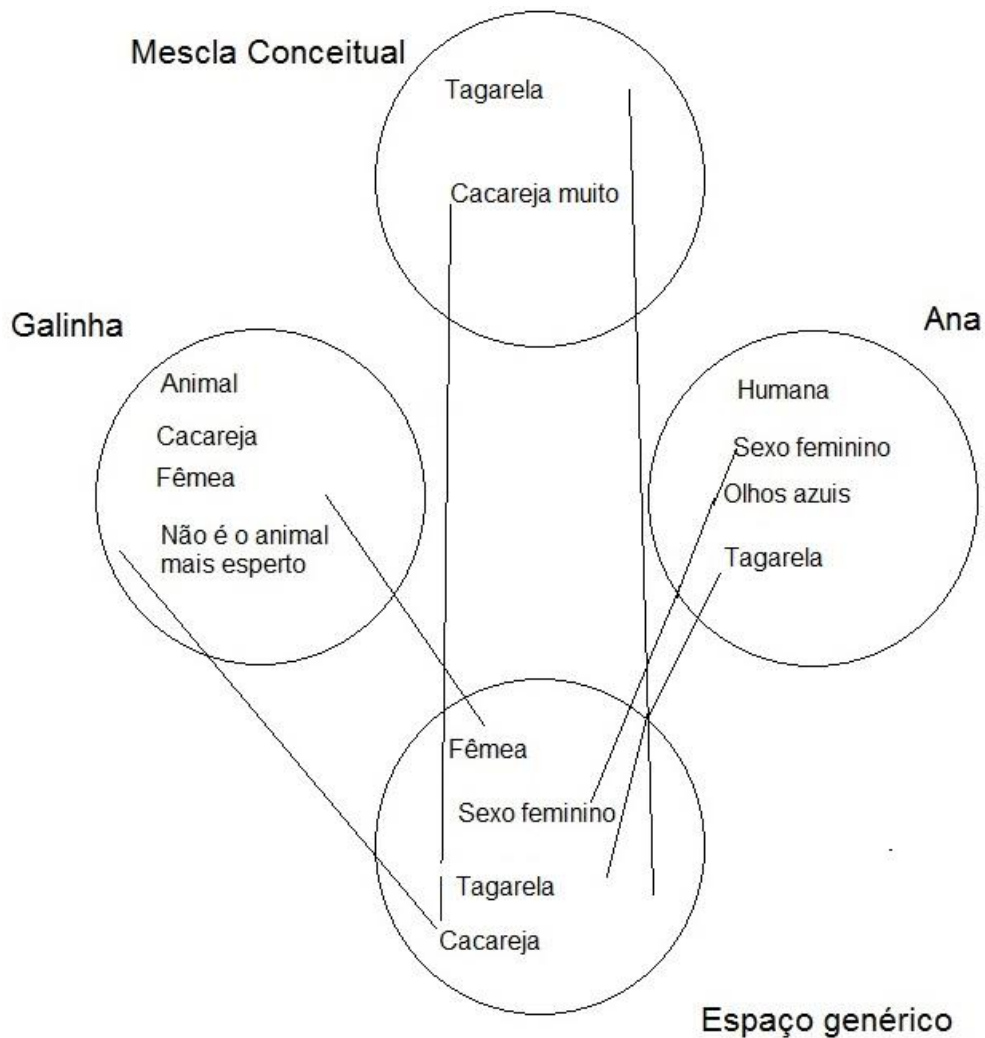
FIGURA 10 – FALHA NA MESCLA CONCEITUAL



FONTE - O AUTOR

Em russo, por outro lado, essa metáfora tem um significado diferente: “Na Rússia, os significados cristalizados [...] remetem à ideia de que galinhas cacarejam o tempo todo e de não serem lá muito espertas” (Benfatti Godoi, p.214, 2013) levando a interpretação que Ana é uma tagarela. Nesse caso, é possível ver o quadro da mescla conceitual.

FIGURA 11 – ANA É UMA GALINHA



FONTE - O AUTOR

Esse exemplo sustenta a ideia de que a pragmática exerce um papel crucial para a interpretação de uma metáfora, como apontam Tendahl e Gibbs (2008). Porém, assumir que a partir desse ponto entre em funcionamento um mecanismo de interpretação de metáforas seria um ponto falho. Se pensarmos no significado da metáfora em russo, podemos identificar elementos conceituais parecidos, porém em português isso não ocorre nem antes nem

depois da metáfora já estar cristalizada, pois o conceito para Lakoff não é modificado pelo seu uso.

Metáforas como ANA É UMA GALINHA evidenciam que conceitos *ad hoc* fazem sim parte da interpretação e cristalização de uma metáfora. O principal problema para Tendahl e Gibbs quando se fala em metáforas e TR é a formação do conceito *ad hoc*, e como pode existir um esforço cognitivo desnecessário para a interpretação da metáfora, como citado no capítulo anterior, quando os autores contestam a criação de *ad hoc* para a metáfora ROBERTO É UM TOURO. A resposta dos autores é que podem existir conceitos metafóricos que viabilizam que conceitos carreguem informações para vários domínios diferentes, como no caso da metáfora analisada em questão, o domínio físico e psicológico. Esse tipo de análise funciona quase que como uma visão conceitual que realiza várias funções ao mesmo tempo.

Existem duas observações a serem feitas sobre a ressalva de Tendahl e Gibbs (2008). A primeira resgata uma citação que já foi usada no terceiro capítulo, quando Wilson (2010) explica o tratamento da metáfora para a relevância.

O tratamento da metáfora por parte da Teoria da Relevância é parte de uma abordagem geral para a pragmática lexical que é baseada nos seguintes pressupostos. Em primeiro lugar, o significado lexical de uma palavra é simplesmente uma pista para o significado do falante e o conceito comunicado pelo uso da palavra normalmente difere do sentido lexical. Em segundo lugar, a metáfora é apenas uma das muitas maneiras em que o significado lexical pode ser modificado em uso. O conceito comunicado pelo uso de uma palavra pode ser mais estreito (mais específico) ou amplo (mais geral) que o significado lexical [...] Em terceiro lugar, há um *continuum* de casos de ampliação, que vão desde o uso literal até vários graus de aproximação de hipérbole e metáfora [...]. Em quarto lugar, todos esses casos são interpretados da mesma forma: não há princípios pragmáticos ou mecanismos especiais que se aplicam apenas às metáforas. [...].⁹⁹ (WILSON, 2010, p. 44).

⁹⁹ Relevance theory's treatment of metaphor is part of a more general approach to lexical pragmatics which is based on the following assumptions. First, the lexical meaning of a word is merely a clue to the speaker's meaning, and the concept communicated by use of a word typically differs from the lexical meaning. Second, metaphor is just one of many ways in which lexical meanings can be modified in use. The concept communicated by use of a word may be narrower (more specific) or broader (more general) than the lexical meaning [...]. Third, there is a continuum of cases of broadening, ranging from strictly literal use, through various shades of approximation to hyperbole and metaphor [...]. Fourth, all these cases are interpreted in the same way: there are no special pragmatic principles or mechanisms that apply only to metaphors. [...]

Para a TR, não há nenhum problema quanto à existência de conceitos metafóricos. Eles estariam justamente na primeira parte da interpretação da metáfora. Portanto, se Tendahl e Gibbs (2008) justificam a interpretação de metáforas com ROBERTO É UM TOURO recorrendo a metáforas conceituais, que assim seja. Sob a perspectiva da TR, não há nenhum problema. Esse talvez seja, inclusive, o caminho para a teoria Híbrida da Metáfora.

A segunda observação é que, segundo o princípio cognitivo da relevância, a mente tende a maximizar nossas expectativas de relevância, ou seja, obter o maior efeito sobre o menor esforço. Entretanto, o aparato cognitivo humano não tem nenhum problema em “gastar” energia para efetuar um processo cognitivo. A hipótese de criar conceitos *ad hoc* mais amplos sobre conceitos mais específicos parece demandar um custo cognitivo alto, porém a existência de um aparato de interpretação exclusivo para metáforas e metonímias representa um custo maior ainda. Portanto, a hipótese de Fauconnier e Turner (1998) parece inviável frente a uma análise cognitivista.

Os cognitivistas entendem a metáfora como um mecanismo de sintetização de ideias, como uma maneira de utilizar uma pequena quantidade de informações para atingir uma gama maior de conceitos, inclusive mesclando-os. Em outras palavras, a metáfora é uma maneira de se atingir um maior efeito utilizando o menor esforço possível. Este é justamente o princípio cognitivo da relevância. Esses fatores levam à conclusão de que a metáfora representa um fenômeno pragmático-conceitual. Esse conceito pode ou não ser metafórico. Gibbs (2014) afirma que inclusive existem evidências empíricas que sugerem que a metáfora incorporada realmente acontece durante nosso processo de aquisição, portanto, sob essa ótica, as metáforas conceituais existem. Resta ainda muita discussão sobre em que nível cognitivo esses conceitos metafóricos atuam, e se eles representam, de fato, nossa base conceitual.

Ao final dessa dissertação, considero que há argumentos suficientes que favorecem a visão da metáfora como um fenômeno pragmático-conceitual, e concluo com a visão de que conceitos podem ser metafóricos, mas metáforas não necessariamente representam mescla de conceitos estabelecidos.

Ao final deste trabalho, considero que os objetivos foram, de uma maneira geral, atingidos. A ideia dessa dissertação era estudar como a metáfora é representada na linguística cognitiva contemporânea, com enfoque em estudar como características epistemológicas de cada teoria interferem na concepção de metáfora de cada corrente. Sob esse aspecto, concluímos que ainda há muito a se estudar quando se fala em metáforas. Consideramos que um caminho de pesquisa viável seria explorar como a TR preenche os pontos falhos da Teoria Híbrida descritos no final da dissertação; O assunto permanece em voga, com espaço ainda para reflexões frutíferas não só para a metáfora em si, mas também para a área da linguística cognitiva.

REFERÊNCIAS

ALLAN, Keith. **Natural Language Semantics**. Oxford: Blackwell Publishers Ltd, 2001. 529 p.

ANDRADE, Viviane Lucy Vilar de. A teoria cognitiva da metáfora. In: _____. **Sobre a identidade da metáfora literária: uma análise do romance d'a pedra do reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta**. 85f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. p.13-28. Disponível em: <http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0610586_08_cap_02.pdf>. Acesso em: 2/11/2012.

ANJOS, Augusto dos. **EU e outras poesias**. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1999.

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução de: BINI, Edson. São Paulo: Edipro, 2001.

BANDEIRA, Manuel. **Literatura comentada**. São Paulo: Abril Educação, 1981.

BENFATTI, Maurício FernandesNeves. **Falando em música... Um ensaio sobre o papel dos fenômenos linguísticos em uma epidemiologia de representações musicais**. 173f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010. Disponível em: <<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/27444/R%20-%20D%20-%20BENFATTI,%20MAURICIO%20FERNANDES%20NEVES.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 27/05/2013.

BENFATTI, Maurício Fernandes Neves; GODOI, Elena. Ontopragmática, sensibilidade ao contexto e léxico mental: A interface semântico-pragmática do

pensamento. **Veredas Atemática**, Juiz de Fora, v. 17, n. 2, p.211-231, 4 nov. 2013.

BROWN, Penélope. **Time and space in Tzeltal: Is future uphill?** *Frontiers in Psychology Magazine*. Standfor University, 2012.

BROWN, Penélope; LEVINSON, Stephen. **“Uphill” and “Downhill” in Tzeltal**. *Journal of linguistic Anthropology*. American Anthropological Association, 1993.

CANÇADO, Márcia. **Manual de Semântica: Noções básicas e exercícios**. São Paulo: Contexto, 2012.

CARSTON, Robyn. **Metaphor, ad hoc concepts and word meaning: - more questions than answers**. 2002. Disponível em: <<http://www.phon.ucl.ac.uk/publications/WPL/02papers/carston.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2015.

CHOMSKY, N. **Mind and language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

CLARK, Billy. **Relevance Theory**. New York: Cambridge University Press, 2013. 400 p.

DASCAL, Marcelo. **Pragmática e filosofia da mente I: o pensamento na linguagem**. Curitiba: Editora da UFPR, 2011.

FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. Conceptual integration networks. In: **Cognitive Science**, v. 22, n.2, p.133-187, April-June 1998. Disponível em: <<http://www.markturner.org/cinLEA.pdf>>. Acesso em: 16/03/13.

FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. Rethinking metaphor. In: GIBBS, Raymond. **The Cambridge handbook of metaphor and thought**. New York: Cambridge University Press, 2008. p. 53-66. Disponível em: <<http://www.cogsci.ucsd.edu/~coulson/spaces/rethinking-metaphor.pdf>>. Acesso em: 16/03/13.

FODOR, J. A. **The Modularity of Mind**. Cambridge, MA: MIT Press. 1983.

GODOI, E.; FERREIRA, R.B. Poética cognitiva: a pragmática na comunicação literária. In: Elena Godoi (Org.). **Coletânea do I Workshop Internacional de Pragmática da Universidade Federal do Paraná**. Curitiba: UFPR, p. 160-170. 2014.

GRICE, H. P. Logic and Conversation. In: P. COLE: J. L. MORGAN. (Eds.). **Syntax and Semantics 3: speech acts**. New York: Academic Press, p. 41-58, 1975.

LAKOFF, George. **Women, Fire and Dangerous Things: What Categories Reveal about the Mind**. 2. ed. Chicago: The University Of Chicago Press, 1987. 613 p.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. Chicago: The University of Chicago Press, 1985.

LEVINSON, S. C. **Frames of reference and Molyneux's question: Cross-linguistic evidence**. In: P. Bloom, M. Peterson, L. Nadel, & M. Garrett (Eds.). *Language and space* (p. 109-169). Cambridge, MA: MIT press, 1996.

LEVINSON, Stephen C.. **Pragmática**. São Paulo: Martins Fontes, 1983/2007., (1983) 2007, 547 p.

LITTLEMORE, Jeannette; JOHN, Taylor. **The Bloomsbury Companion to Cognitive Linguistics**. London: Bloomsbury Academic, 2014.

PINKER, Steven. **Do que é feito o pensamento: a língua como janela para a natureza humana**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SILVEIRA, Jane Rita Caetano da; FELTES, Heloísa Pedrosa de Moraes. **Pragmática e Cognição: A textualidade pela relevância**. 2. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 1999. 156 p.

SPERBER, Dan; WILSON, Deirdre. Relevance Theory. In: HORN, L.; WARD, G. (Eds.). **The handbook of Pragmatics**. Londres: Blackwell, 2004, p. 607-632. Disponível em: <<http://www.dan.sperber.fr/?p=93>>. Acesso em: 19/05/2013.

SPERBER, Dan; WILSON, Deirdre. A deflationary account of metaphor. In: GIBBS, Raymond. **The Cambridge handbook of metaphor and thought**. Nova York: Cambridge University Press, 2008. p. 84-107. Disponível em: <<http://www.dan.sperber.fr/wp-content/uploads/2009/10/SperberWilsonMetaphor.pdf>>. Acesso em: 22/04/2013.

TENDAHL, Markus; GIBBS, Raymond. Complementary perspectives on metaphor: cognitive linguistics and relevance theory. **Journal of Pragmatics** 40: p. 1823-1864, 2008. Disponível em: <<http://www.cogsci.ucsd.edu/~coulson/spaces/Tendahl-Gibbs2008.pdf>>. Acesso em: 2/11/2012.

WILSON, Deirdre. Parallels and differences in the treatment of metaphor in relevance theory and cognitive linguistics. In: CONFERENCE OF THE PRAGMATICS SOCIETY OF JAPAN, 11, 2008. Shikoku. p. 41-55. Disponível em: <<http://www.ucl.ac.uk/psychlangsci/research/linguistics/publications/wpl/10papers/Wilson2010>>. Acesso em: 2/11/2012.

WILSON, Deirdre; SPERBER, Dan. **Meaning and Relevance**. 2. ed.
Cambridge: Cambridge University Press, 2012. 380 p.